

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO
BRASIL**

Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Viçosa

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2014

LUÍZA AMÁLIA SOARES FRANKLIN

**O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO
BRASIL**

Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Viçosa

Monografia apresentada ao curso de Secretariado Executivo Trilíngue da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue.

Orientadora: Débora Carneiro Zuin

VIÇOSA – MINAS GERAIS

2014

LUÍZA AMÁLIA SOARES FRANKLIN

**O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO
BRASIL**

Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Viçosa

Monografia apresentada ao curso de Secretariado Executivo Trilíngue da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Secretariado Executivo Trilíngue.

APROVADA:

Débora Carneiro Zuin
(Professora Orientadora)
(UFV)

Lara Lúcia da Silva
(Membro da Banca Examinadora)
(UFV)

Magnus Luiz Emmendoerfer
(Membro da Banca Examinadora)
(UFV)

AGRADECIMENTOS

“O tempo nos faz esquecer o que nos trouxe até aqui, mas eu lembro muito bem, como se fosse amanhã.” (Humberto Gessinger)

No meu caso, o importante é “quem” me trouxe até aqui.

Faço parte de uma família muito sábia e honesta, que valoriza muito a educação. Meus pais, meus irmãos e meus familiares tiveram grande influência na minha vida acadêmica, e a eles dedico esta pesquisa.

Minha monografia foi inspirada em um conjunto de experiências que a UFV me proporcionou. Começando pelo estágio no CELIN, que me levou a ter contato com intercambistas; passando pela SEC Jr., que me fez entender o ambiente organizacional; até chegar aos intercâmbios acadêmicos – na *Universidad de Caldas* (Colômbia) e na *University of West Florida* (Estados Unidos) –, que fizeram com que o assunto “internacionalização da UFV” me instigasse a tal ponto de querer pesquisá-lo mais a fundo. Muito obrigada aos meus chefes, colegas de trabalho e coordenadores dos intercâmbios pelos ensinamentos, pelo apoio e pela atenção.

Agradeço especialmente à minha orientadora pela compreensão e paciência, além de por ter me guiado tão cuidadosamente neste processo; a todos da DRI pelas informações e documentos que me foram cedidos prontamente, especialmente ao Prof. Vladimir, por todo apoio com as entrevistas; aos entrevistados – Profa. Nilda, Profa. Simone e Prof. Vladimir – pela disponibilidade e por acreditarem na minha pesquisa; ao Felipe Andrade pelo cuidadoso trabalho com a revisão e a formatação deste estudo; ao Victor Chiang pelo auxílio com o *abstract*; ao Prof. Odemir, pelas contribuições, e à Banca Examinadora – Profa. Lara e Prof. Magnus – pelas sugestões e pelos comentários que muito enriqueceram esta monografia.

Registro aqui meus sinceros agradecimentos a todos!

“The future of higher education is a global one and it is our job to help prepare the higher education world for this.” (Uwe Brandenbur e Hans de Wit)

RESUMO

Ainda na Idade Média, a troca de conhecimento entre culturas diferentes era vista como algo engrandecedor e fundamental. Essas instituições recebiam o nome de “Comunidades Internacionais”, pois buscavam a universalidade do conhecimento e do saber. Atualmente, Gacel-Ávila (1999, p. 38) afirma que o “processo de internacionalização deve ser visto como uma abertura institucional para o exterior” e, sendo assim, esse mesmo processo deve ser parte integral dos planos de desenvolvimento. Considerando a relevância que a globalização trouxe para todos os tipos de relações entre países e o investimento que o governo brasileiro tem feito no fomento à abertura internacional da educação superior, observou-se a importância de se estudar esse processo em uma Instituição de Ensino Superior (IES). Portanto, o objetivo geral deste estudo foi descrever o processo de internacionalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV), tendo como objetivos específicos apresentar como se deu esse processo desde a criação da instituição e caracterizar a visão dos gestores em relação ao desenvolvimento desse processo. Por se tratar de um trabalho focado na UFV, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e foi adotado o estudo de caso descritivo como técnica. A coleta de dados foi feita por meio de pesquisa documental e de entrevista semiestruturada aos três professores responsáveis pelo processo na instituição (a Reitora, o Diretor e a Coordenadora Técnica de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFV), a fim de se obterem suas percepções sobre o processo. Os dados levantados neste estudo revelam que a abertura internacional está presente na cultura organizacional da universidade estudada, não devido apenas aos recentes intercâmbios estudantis, mas sim começando em sua idealização, passando pelos programas pioneiros de mobilidade docente e chegando à estrutura organizada para receber visitantes. Além disso, as entrevistas demonstram sintonia entre as ações de internacionalização e a compreensão por parte dos gestores entrevistados acerca da complexidade do processo. Pôde-se concluir: que a universidade está seguindo a tendência brasileira de abertura; que o programa Ciência sem Fronteiras contribui muito para o processo, não apenas enviando mais estudantes para o exterior, mas também levantando a discussão acerca do assunto; e que as políticas e ações de internacionalização desenvolvidas na UFV não se referem somente ao envio de pessoal e à recepção de estudantes e professores, como também à infraestrutura adequada para tanto, à capacitação dos responsáveis e à preparação dos discentes e docentes.

Palavras-chave: Internacionalização. Ensino superior. UFV. Cooperação internacional.

ABSTRACT

Even in the Middle Ages, the exchange of knowledge among different cultures was seen as something aggrandizing and essential. Such institutions were named as "International Communities", as they sought the universality of knowledge. Currently, Gacel-Ávila (1999, p. 38) states that "internationalization process should be seen as an institutional opening to the outside." Therefore, such process should be an integral part of development planning of higher education institutions. Considering the importance that globalization has brought to all types of relations between different countries and the investment that the Brazilian government has made in fostering international opening of higher education, we noticed the importance of studying this process in an Institution of Higher Education. Thus, the general goal of this study was to describe the process of internationalization of the Federal University of Viçosa (UFV), with the specific objectives of presenting how this process historically happened in the institution and to characterize the view of the professors who manage this process at UFV. Once this work is focused on UFV, this research is characterized as a descriptive case study and it was developed a qualitative research in which data collection was done through documentary research and semi structured interviews with three teachers responsible for the process in the institution (the Dean, the Director and the Technical Coordinator of International and Inter-Institutional Relations of UFV). The data collected in this study reveal that international opening is present in the organizational culture of the studied university, not only because of the recent student exchanges, but starting at its idealization, through the pioneering programs of teacher mobility, to the organized structure for visitors. Furthermore, the interviews show harmony between the actions of internationalization and understanding by the interviewed managers towards the complexity of the process. It could be concluded that the University is following the Brazilian tendency of opening; the Science Without Borders Program contributes greatly to the process, not only sending more students abroad, but also raising the discussion about the matter and that the policies and actions of internationalization developed at UFV refer not only to the sending of people and the reception of students and teachers, but also the appropriate infrastructure for this, the training of officials and the preparation of students and teachers.

Keywords: internationalization, higher education, UFV, international cooperation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Quatro cenários para o ensino superior no Mundo 2003-2025	27
Figura 2	Quadro comparativo – Variáveis Gerais dos Cenários Mundiais	30
Figura 3	<i>“Welcome Alumni” Homecoming Sign</i>	40
Figura 4	Quatro Pilastras – UFV	40
Figura 5	Relatórios Anuais da DRI	46
Figura 6	Mobilidade <i>in</i>	46
Figura 7	Mobilidade <i>out</i>	47
Figura 8	Comparação entre o número de participantes do Programa Ciência sem Fronteiras e o de participantes de outros programas no ano de 2012	47
Figura 9	Comparação entre o número de participantes do Programa Ciência sem Fronteiras e o de participantes de outros programas no ano de 2013	47
Figura 10	Gastos totais	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIP	Assessoria Internacional e de Parcerias
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CCH	Centro de Ciências Humanas
CsF	Ciência sem Fronteiras
DLA	Departamento de Letras
DRI	Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
IAU	<i>International Association of Universities</i>
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
IsF	Inglês sem Fronteiras
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação
MRE	Ministério das Relações Exteriores
Nucli-IsF	Núcleos de Línguas
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA	Organização dos Estados Americanos
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PGP	Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas
PPG	Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
PRE	Pró-Reitoria de Ensino
PROPLAN	Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento
RUF	Ranking Universitário da Folha
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	JUSTIFICATIVA	14
3	OBJETIVOS	16
3.1	Objetivo geral	16
3.2	Objetivos específicos	16
4	REFERENCIAL TEÓRICO	17
4.1	Internacionalização	17
4.2	Conceitos	18
4.3	Internacionalização e o ensino superior	20
4.4	Tendências para o ensino superior no mundo	25
5	METODOLOGIA	30
5.1	Natureza e objetivo da pesquisa	30
5.2	Coleta de dados	32
5.2.1	Pesquisa bibliográfica	32
5.2.2	Pesquisa documental	33
5.2.3	Entrevista semiestruturada	33
5.2.3.1	População	35
5.2.3.2	Análise dos dados	37
6	PESQUISA DOCUMENTAL	38
6.1	Sobre sua criação	38
6.2	Início dos programas de intercâmbio e seus benefícios	41
6.3	Início da pós-graduação no Brasil: uma consequência da internacionalização da UFV	41
6.4	A Universidade Federal de Viçosa	42
6.5	A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRI)	43
6.6	Relatórios Anuais da DRI	45
6.7	Ações e conquistas	49
7	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	55
7.1	Informações gerais	55
7.2	Caracterização da instituição	56
7.3	Caracterização da unidade gestora da cooperação internacional	57
7.4	Estratégias para a cooperação internacional	58

7.5	Atividades de cooperação internacional	59
7.6	Financiamento para a cooperação internacional.....	60
7.7	Debilidades	61
7.8	Mudanças necessárias	62
7.9	Resultados e impactos da cooperação internacional.....	61
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
	ANEXO A	73
	APÊNDICE A.....	74
	APÊNDICE B.....	76

1 INTRODUÇÃO

“A riqueza não está mais representada pelo capital físico, mas pela imaginação e criatividade humanas.” (Jeremy Rifkin)

Ainda na Idade Média, a troca de conhecimento entre culturas diferentes era vista como algo engrandecedor e fundamental nas *universitas*. Charle e Verger (1996) relatam em “História das Universidades” que estudantes transitavam da Europa Central para a Itália e a França a fim de desenvolver estudos em várias universidades sucessivamente. Essas instituições recebiam o nome de “Comunidades Internacionais”, pois buscavam a universalidade do conhecimento e do saber. Além disso, ter a presença de estrangeiros interessados em aprender e compartilhar ensinamentos era sinônimo de prestígio, não só pelo cunho acadêmico da questão, mas também por significar que a instituição é um lugar tolerante, onde prevalecem a paz e a harmonia.

Com a globalização, tudo se tornou mais prático, rápido e padronizado – como o fluxo de informações e o trânsito de pessoas e mercadorias, o que facilitou o compartilhamento de conhecimento entre pesquisadores e instigou ainda mais o interesse da comunidade acadêmica em aprender sob diferentes pontos de vista, inseridos em outras culturas. De acordo com Murgui (2002, p. 79), outra faceta da globalização foi que “o último terço deste século foi o período de máxima expansão do ensino superior”; o autor ainda prevê que “esse é o princípio de uma tendência que continuará no próximo século, de maneira que assistiremos a uma difusão universal do conhecimento”.

Gacel-Ávila (1999, p. 38) afirma que o “processo de internacionalização deve ser visto como uma abertura institucional para o exterior”. Sendo assim, esse processo deve ser parte integral dos planos de desenvolvimento, planejamento estratégico e políticas gerais das instituições de educação superior. Para o autor, esse processo deve desenvolver uma nova cultura que valorize “os enfoques internacionais, interculturais e interdisciplinares, permitindo assim a promoção e o apoio de iniciativas para a interação, a cooperação e o intercâmbio internacionais.”

Essa tendência foi confirmada, e, nos últimos anos, o ensino superior tem sido discutido a nível internacional em diversos congressos e encontros. Dias (2002, p. 47) explica que nesses eventos os representantes de diversas instituições e de seus respectivos governos se reúnem para “estudar os desafios da educação superior”, além de “analisar quais devem ser suas novas missões e verificar como a educação superior tem que atuar para colaborar na construção de uma sociedade melhor”. Essa preocupação surgiu após as Grandes Guerras e está intensificando o processo de homogeneização do modelo universitário em todo o mundo.

Considerando a relevância que a globalização trouxe para todos os tipos de relações entre países e as consequências que tais relações trazem consigo, observou-se a importância de se estudar a internacionalização em uma das Instituições de Ensino Superior mais renomadas do Brasil: a Universidade Federal de Viçosa. Com sua criação inspirada no modelo norte-americano e responsável pela defesa da primeira dissertação de mestrado do Brasil, em parceria com a Universidade de Purdue nos Estados Unidos, a UFV possui uma história de abertura internacional única, cujos reflexos podem ser observados em sua cultura organizacional atualmente.

Por tudo isso, o objetivo geral deste estudo foi descrever o processo de internacionalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV), tendo como objetivos específicos apresentar como se deu esse processo desde a criação da instituição e caracterizar a visão dos gestores em relação ao desenvolvimento desse processo.

Para a melhor compreensão do tema como um todo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa descritiva, que utilizou de revisão bibliográfica, de pesquisa documental e de entrevista semiestruturada para a obtenção completa de informações pertinentes. A escolha de uma unidade de análise específica caracterizou a pesquisa como um estudo de caso descritivo, pois buscou-se entender um fenômeno complexo nunca estudado tão a fundo antes. Feito isso, esta monografia se apresenta como uma descrição do processo analisado.

2 JUSTIFICATIVA

Muito se tem discutido e investido em internacionalização nos últimos anos. Internacionalização de empresas, de práticas, de políticas, de ensino. Apesar de esse tema na área de educação não ser recente – o conhecimento começou a ser intercambiado em universidades na Idade Média, a globalização facilitou e barateou o tráfego de pessoas, produtos e informações, o que reduziu as fronteiras e intensificou o processo de internacionalização do Ensino Superior. Portanto, esse tema se mostra atual e de grande relevância.

No contexto do curso de Secretariado Executivo, a mobilidade se mostra como uma forma de capacitação, pois desenvolve competências diversas (principalmente fluência em idioma e relacionamento interpessoal) que capacitam o indivíduo no âmbito pessoal e profissional.

A Universidade Federal de Viçosa é uma instituição que possui o “internacional” como algo presente desde sua criação; ela tem acompanhado – e até mesmo superado em alguns quesitos – a evolução da abertura internacional do ensino superior brasileiro. Entretanto, este tema é novo e tem sido pouco estudado nesta instituição, especialmente de forma abrangente e embasada. Por isso, a investigadora se propôs a fazer o levantamento para expor esse processo, a fim de contribuir com a universidade com dados e informações que ainda não foram compilados, que proporcionam uma perspectiva da atual situação desse

processo. A pesquisadora acredita que, com os dados coletados, será possível visualizar melhor a situação da UFV nesse quesito e que o embasamento teórico será capaz de auxiliar nas mudanças que possam vir a ser feitas, além de buscar estimular a elaboração de novas pesquisas na área.

Vale mencionar que a motivação da autora também é de cunho pessoal. Após participar de dois programas de intercâmbio acadêmicos pela instituição e do programa Embaixadores da UFV – dando assistência a estudantes e professores estrangeiros –, a investigadora foi instigada a compreender melhor esse processo de internacionalização de que ela e tantos outros fazem parte e a tentar sanar uma carência observada por ela: a falta de informações publicadas sobre o tema.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Descrever o processo de internacionalização da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

3.2 Objetivos específicos

- Apresentar o processo de internacionalização da UFV desde sua criação até a atualidade.
- Caracterizar a visão dos gestores em relação ao desenvolvimento desse processo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico desta pesquisa buscou compreender a internacionalização do sistema de ensino. Para isso, foram levantadas informações sobre o processo em si, os conceitos importantes para sua compreensão, questões históricas sobre a internacionalização do ensino superior no Brasil e suas tendências.

4.1 Internacionalização

Internacionalização é um termo utilizado em diferentes áreas: economia, política, sociedade, saúde, educação. Neste trabalho, revisaram-se os conceitos que auxiliam no processo de abertura internacional das universidades brasileiras; portanto, os tópicos são relacionados a educação superior e políticas governamentais, uma vez que o foco desta pesquisa é analisar o processo de forma aplicada à UFV – uma instituição federal pública de ensino superior.

Analisando desde o início do uso desse termo, o objetivo explícito da internacionalização durante a Idade Média é bem semelhante ao atual: adquirir conhecimento. O berço das universidades, a Europa, foi onde a interação entre elas começou e se estabeleceu. Com a proximidade geográfica como um fator importante, as *universitas* enviavam e recebiam professores e estudantes que buscavam novos conhecimentos, experiências diferentes e prestígio diante da comunidade.

Para Rudzki (1998), internacionalização é um processo de mudanças que envolvem a análise curricular, a capacitação do corpo acadêmico e da equipe administrativa e o desenvolvimento da mobilidade acadêmica como uma forma de conseguir excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades acadêmicas. Laus (2012, p. 28) amplia mais esse conceito e afirma que

a internacionalização de uma universidade corresponde ao processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs) do mundo exterior à fronteira nacional na concepção, desenvolvimento ou implementação de suas funções de ensino, pesquisa e extensão. (LAUS, 2012, p. 28)

Pensando no contexto de fome, guerras civis e problemas climáticos, a internacionalização do ensino possui um papel significante na sociedade global. Vários eventos estão sendo organizados para promover o debate e o diálogo sobre o papel da educação atualmente. Em 2009, a Unesco promoveu a Conferência Mundial sobre Ensino Superior com o tema: “Dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social”. Ao final do evento, foi divulgado um documento¹ com algumas reflexões separadas em categorias, e uma delas é “Internacionalização, regionalização e globalização”, com onze mensagens. A segunda mensagem traz uma reflexão completa do que deveria ser o processo de cooperação internacional:

Instituições de educação superior ao redor do mundo têm uma responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento, por meio da crescente transferência de conhecimentos cruzando fronteiras, especialmente nos países subdesenvolvidos, e trabalhando para encontrar soluções comuns para promover a circulação do saber e aliviar o impacto negativo da fuga de cérebros. (UNESCO, 2009, n.p.)

Esses conceitos e ideais são perceptíveis no século XXI, principalmente se considerarmos os altos investimentos recentes do governo para esse fim. Para entender a complexidade do processo, é necessário compreender como essa ideia começou a ser praticada e os conceitos que norteiam o processo atualmente.

4.2 Conceitos

Criada em 1988, a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI) reúne mais de 180 gestores e responsáveis por assuntos internacionais nas Instituições de Ensino

¹Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=&gid=4512&option=com_docman&task=doc_download. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

Superior (IES) do país. Sua principal função é promover a integração e a capacitação desses gestores (principalmente por meio de eventos), almejando o “aperfeiçoamento do intercâmbio e da cooperação internacionais como instrumentos para a melhoria do ensino, da pesquisa, da extensão e da administração das instituições filiadas”, além de “divulgar a diversidade e as potencialidades das IES brasileiras junto às agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais” (FAUBAI, 2013).

Em abril de 2008, aconteceu a XX Reunião do Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais, evento organizado para celebrar os vinte anos da associação. Nessa ocasião, além de outros temas, foram apresentados conceitos fundamentais para a compreensão do processo de internacionalização do ensino superior no Brasil. Esses conceitos foram divulgados ao final do evento, e o material foi usado como referência neste trabalho, como uma forma de nortear a coleta de dados acerca do assunto.

Primeiramente, é necessário entender a complexidade do processo de internacionalização. Ao contrário do que se acredita, ele não se refere somente à organização de atividades internacionais, tampouco o simples fato de se ter programas de intercâmbio caracteriza uma universidade como uma instituição internacional. Para Harrari (1989), é necessário ter uma política de internacionalização institucional como parte integrante do desenvolvimento estratégico da instituição. Complementando esse raciocínio, Gacel-Ávila (2003), afirma que cabe às autoridades educativas exercer a condução e a liderança do processo de mudança ou adaptação institucional e não se pode esquecer que tal liderança não deve ser exclusivamente do Reitor, mas de toda uma equipe de colaboradores, que deverão estar informados, convencidos e articulados para essa ação. Entende-se, pois, que a política que conduz essas ações deve ser entendida por toda a instituição e fazer parte da cultura organizacional da universidade.

Depois de discussões levantadas durante a XX Reunião do Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais, concluiu-se que a internacionalização é “um conjunto de esforços das universidades para adaptarem-se a um mundo globalizado” (FAUBAI, 2008), pois ela “promove o reconhecimento, o respeito pelas diferenças e pela identidade cultural, enquanto a globalização desenvolve a homogeneização”.

A internacionalização já está tão naturalizada no meio do ensino superior que há termos próprios do assunto utilizados pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) em eventos e em seus sites institucionais², tais como “mobilidade *out*” – acadêmicos da IFES

²A explicação para os termos foi retirada do Boletim da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1823/2.shtml>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

brasileira em universidades estrangeiras – e “mobilidade *in*” – acadêmicos de universidades estrangeiras na IFES brasileira. Esses termos foram utilizados ao longo da pesquisa tanto pela investigadora quanto pelos entrevistados.

Com relação aos responsáveis pelos processos, a FAUBAI os divide em dois grupos: atores internos e externos. Os internos são os que atuam na instituição e são responsáveis por suas políticas e ações. Os agentes que promovem as ações e proporcionam as experiências internacionais fazem parte da equipe administrativa, ou seja, são os gestores que atuam na área. Já os que participam de tais experiências – como professores, alunos e pesquisadores – constituem a equipe acadêmica.

Entre os atores externos estão as agências de fomento brasileiras e internacionais (Capes, CNPq, Fapergs, Edufrance, British Council, Comissão Fulbright), organizações internacionais ligadas ao tema (ONU, OEA, BID, OCDE), os representantes dos governos nacionais e estrangeiros – Ministério da Educação (MEC), Ministério das Relações Exteriores (MRE), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) – e as instituições de educação superior, assim como os organismos de investigação e desenvolvimento. Observa-se, pois, que a integração e a articulação desses atores é uma atividade complexa e fundamental para o processo, reforçando que a atuação da FAUBAI é muito importante para o sucesso de todos os atores.

4.3 Internacionalização e o ensino superior

Antes de se compreender com mais detalhes a relação entre esses dois conceitos, é necessário entender melhor os propósitos do ensino superior de forma geral e, principalmente, no Brasil.

No surgimento do ensino superior, apenas os grupos de elite tinham acesso a esse sistema educacional. Para Laus (2012), isso mudou com a Revolução Industrial, quando o conhecimento passou a ser importante no processo produtivo, e a educação começou a ser mais incentivada para que os trabalhadores pudessem, dotados desse conhecimento, produzir mais. Desde então, ser detentor e produtor de conhecimento passou a ser algo almejado pelas economias mais fortes e pelas elites. Iniciou-se, então, uma universalização – mesmo que dentro do país – do saber, uma vez que as nações mais fortes eram aquelas que detinham o conhecimento e o distribuíam entre suas populações da forma mais produtiva possível.

Confirmando esta ideia trabalhada anteriormente, no documento *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da Conferência Mundial sobre a Educação Superior*³, Bernheim e Chauí (2008, p. 7) afirmaram que

atualmente, as economias mais avançadas se fundamentam na maior disponibilidade de conhecimento. A vantagem comparativa é determinada cada vez mais pelo uso competitivo do conhecimento e das inovações tecnológicas. Esta centralidade faz do conhecimento um pilar da riqueza e do poder das nações, mas, ao mesmo tempo, encoraja a tendência a tratá-lo meramente como mercadoria sujeita às leis do mercado e aberta à apropriação privada. (BERNHEIM & CHAUI, 2008, p. 7)

Entretanto, observa-se que essa preocupação foi deixada de lado com o fortalecimento do estilo capitalista de vida. Em 1997, o jornal *The Economist* afirmou que “agora, a educação superior se tornou um negócio de massa. Nos dezessete países da OCDE⁴, a proporção daqueles entre 18 e 21 anos na educação superior subiu de 14,4% em 1985 para 24% em 1995”⁵.

Em termos técnicos, Severino (2007, p. 22) lista os três objetivos do ensino superior como sendo: (1) “formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas”; (2) formação de pesquisadores, disponibilizando conteúdo e orientando quanto aos métodos adequados e (3) formação do cidadão, guiando-o para o conhecimento do seu papel na sociedade em termos históricos, pessoais e sociais. Sobre esse objetivo, ele destaca que deve-se “levar o aluno a entender sua inserção não só em sua sociedade concreta mas também no seio da própria humanidade”. Como finalidade maior da universidade, o mesmo autor afirma que é “contribuir para o aprimoramento da vida humana em sociedade”.

O que foi dito por Severino pode ser visualizado após as Grandes Guerras, quando o ensino superior se viu responsável pela reestruturação local – em todo o mundo – da sociedade, e foi dessa preocupação que surgiu o “compromisso básico” dessas instituições: “servir à sociedade” (DIAS, 2002, p. 45), sendo que a cada nação cabe a responsabilidade de definir “que modelo de sociedade se pretende construir”.

³Documento lançado pela Unesco. Título original: *Challenges of the university in the knowledge society, five years after the World Conference on Higher Education*.

⁴A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico é “um órgão internacional e intergovernamental que reúne os países mais industrializados”. Seus membros trocam informações e alinham políticas “com o objetivo de potencializar seu crescimento econômico e colaborar com o desenvolvimento de todos os demais países membros”. Atualmente, a OCDE é composta por 34 países, e entre ele não está o Brasil. Disponível em: <http://www.sain.fazenda.gov.br/sobre-a-sain-1/ocde>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

⁵“[...] now, higher education has become a mass-market business. Across 17 OECD countries, the average proportion of those aged 18-21 in higher education has risen from 14.4% in 1985 to 24% in 1995”. Tradução nossa.

Essas mudanças se apresentam claramente na história brasileira. A Reforma Universitária de 1968 veio como resposta à necessidade de profissionalização da população, às ambições do governo e às tendências internacionais:

Nesse sentido, a conseqüente ênfase na profissionalização presente na legislação que norteou a educação nacional a partir dessa época refletiria a necessidade de preparação de quadros considerados aptos para atuarem junto ao crescente empresariado que vinha assumindo o controle econômico do país e dando suporte ao governo militar instalado em 1964. Nesse contexto, foi então sugerida ao país, pelos documentos elaborados pelos especialistas contratados, uma reforma universitária. É nesse contexto que se insere uma discussão sobre que modelo de desenvolvimento se estava implementando com tais políticas e sobre toda uma evolução que iria ocorrer na negociação dos acordos de cooperação acadêmica e técnico-científica estabelecida pelo país. (LAUS, 2012, p. 39)

Promovida pelo MEC e apresentando, claramente, inspiração no modelo universitário norte-americano, a proposta baseava-se “em princípios de economia e produtividade bem próprios da mentalidade empresarial” (ROMANELLI, 1998, p. 127), propondo a redução de custos, a otimização de recursos humanos e materiais, bem como de espaços físicos, o que comprova a mudança de propósito que a educação superior no Brasil sofreu.

Laus (2012, p. 37) explica que essa influência norte-americana se deu pelo investimento do país na expansão do capitalismo – desde o Projeto Truman até o Plano Marshall –, período que perdurou dos anos 1940 até os 1970. Esse cenário culminou com o sistema político de ditadura militar, marcado pela abertura econômica e pela exposição do país para o mundo, fazendo com que tudo fosse influenciado pelos países mais fortes da época: economia, política, educação, saúde, segurança, etc.

Nesse cenário, foram promulgados os seguintes decretos: Lei n. 53, de novembro de 1966, e n. 252, de fevereiro de 1967. Pela reforma, a educação superior poderia ser vista como um produto passível de ser comercializado sob a forma de “serviços educativos”, e isso levou ao início das discussões relacionadas a uma abertura educacional, com um cunho muito mais econômico que educativo.

Laus (2012, p. 50-51) explica que foi nesse momento que começou a ser trabalhada a “mobilidade dos alunos e dos professores como consumidores e fornecedores” e que, além disso,

o Acordo previa a mobilidade e oferta no exterior de programas e de estabelecimentos de ensino, em quatro modalidades. Essas seriam: fornecimento de educação superior trans-fronteiriça (onde o fornecedor e o consumidor permanecem cada um em seus países e somente o serviço é oferecido no exterior, como por exemplo, os serviços *on line* e a Educação a Distância); o fornecimento para consumo no exterior (onde o consumidor recebe o serviço no país do provedor, por exemplo, mobilidade

internacional de estudantes); presença comercial (fornecimento do serviço de educação pela presença comercial no exterior, como por exemplo, os campi satélites, centros de formação empresariais privados) e presença de pessoas físicas (mobilidade internacional de professores). (LAUS, 2012, p. 50-51)

Foi em torno desse acordo que se desenvolveu a internacionalização no Brasil. Vale reiterar que o fenômeno ocorreu em todo o mundo e que esse processo de abertura é o “reflexo do caráter global do conhecimento, da aprendizagem e da pesquisa” (LAUS, 2012, p. 80).

Após algumas décadas, o tema internacionalização da educação superior se firma no Brasil no final dos anos 1990, quando foi externalizado, por parte da Capes, “a necessidade do estabelecimento de padrões internacionais para a avaliação das atividades de pós-graduação e das pesquisas dela decorrentes desenvolvidas pelas Instituições Públicas” (LAUS, 2012, p. 84); assim começou o fomento das atividades internacionais de docentes e pesquisadores, ainda sem beneficiar os discentes. Com o tempo, programas pequenos e específicos das instituições foram sendo desenvolvidos pelas IFES sem um significativo apoio direto do governo.

As oportunidades para os estudantes chegaram com a mesma motivação: econômica. Em um artigo publicado em abril deste ano na Revista Eletrônica de Educação, Eric Spears⁶ (2014, p. 11) explica a principal motivação que levou o governo brasileiro a lançar o programa Ciência sem Fronteiras (CsF):

A emergência no âmbito da economia mundializada como participante do BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) mobilizou o governo federal brasileiro a estabelecer um programa estatal de mobilidade acadêmica (Programa Ciência sem Fronteiras) de modo a fazer avançar o capital social do país (*general intellect*) e a infraestrutura em STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) relacionadas à indústria. (SPEARS, 2014, p. 11)

A destinação de vagas apenas para as áreas supracitadas confirma isso. De acordo com o documento divulgado pela Capes⁷, a meta global do Ciência sem Fronteiras é enviar 75.000 bolsistas para o exterior até o final deste ano, sendo que o programa começou oficialmente no segundo semestre de 2011. Até o mês de agosto, já tinham sido implementadas 70.188 bolsas

⁶Diretor do *Brazilian Institute Mercer University* e Co-Diretor de um projeto de pesquisa internacional chamado Grupo de Estudos Sobre Economia Política da Educação, Estética e Formação Humana na Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1005/311>. Acesso em: 30 de setembro de 2014. Tradução nossa.

⁷**Ciências sem Fronteiras:** um programa especial de mobilidade internacional em ciência, tecnologia e inovação. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Ciencia-sem-Fronteiras_DocumentoCompleto_julho2011.pdf. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

de graduação e pós-graduação⁸, sendo que 31.825 delas foram destinadas à área de “Engenharias e demais áreas tecnológicas”, e 29% do total de estudantes (20.358) foram para os Estados Unidos, o que é um claro reflexo da Reforma Universitária e da tendência capitalista do cenário atual.

Observa-se, com tudo isso, que a internacionalização do ensino superior brasileiro tem sido muito ovacionada e criticada, pois, ao mesmo tempo que traz benefícios para a formação dos estudantes e resultados para o país (além de estar seguindo uma tendência mundial), não deixa de ser vista como um agente enfraquecedor da soberania nacional e como uma ferramenta econômica que traz benefícios para poucos.

A *International Association of Universities*⁹ (IAU) desenvolveu neste ano a *IAU 4th Global Survey: Internationalization of Higher Education – Growing expectations, fundamental values*¹⁰, pesquisa que consultou 1.336 instituições em 131 países. “O relatório apresenta a maior e mais geograficamente abrangente coleta de dados primários sobre internacionalização da educação superior disponível hoje”. Destacam-se alguns pontos dessa pesquisa:

1. Mais de metade das instituições pesquisadas possuem uma política e/ou estratégia de internacionalização.
2. Mobilidade estudantil e colaboração para pesquisa internacional são as maiores prioridades das instituições.
3. Conhecimentos dos estudantes acerca de assuntos internacionais é o benefício mais significativo que se espera da internacionalização. Esse resultado também foi encontrado na terceira (2009) e na segunda (2005) edições da pesquisa.
4. O fato de oportunidades internacionais serem disponíveis apenas para estudantes que possuam recursos financeiros foi considerado o maior risco potencial da internacionalização para as instituições, enquanto o maior risco social é a mercantilização/comercialização da educação.
5. Na maioria das regiões, o foco geográfico das universidades é sua própria região. A Europa também é um foco para a maior parte dos respondentes.

⁸Painel de Controle do Programa Ciências sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em: 13 de setembro de 2014.

⁹“IAU, fundada em 1950, é uma associação internacional ligada à UNESCO de instituições de educação superior”. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.iau-aiu.net/content/presenting-iau>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

¹⁰Disponível em: <http://www.iau-aiu.net/content/iau-global-surveys>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

6. Recursos limitados é o maior obstáculo interno e externo, o que também foi constatado nas duas últimas pesquisas.

7. Os respondentes relatam que buscam promover valores de igualdade e partilha do benefícios por meio das estratégias e atividades de internacionalização.

Os pontos 1, 4, 6 e 7 podem ser observados na realidade brasileira. Contudo, o quinto tópico não corresponde ao contexto nacional, uma vez que as instituições brasileiras buscam universidades de excelência para assinar convênios (o que pode ser averiguado no Painel do Programa Ciência sem Fronteiras, que será mencionado mais adiante) e estes institutos estão localizados em outros continentes, situados principalmente no hemisfério norte. O mesmo ocorre com o segundo e terceiro pontos, mostrando que o Brasil ainda tem muito para evoluir no quesito internacionalização para acompanhar o cenário das principais universidades do mundo.

4.4 Tendências para o ensino superior no mundo

Além de conceitos e das percepções atuais, fala-se muito em cenários ao se tentar prever as mudanças que podem ocorrer. Essas previsões são importantes para guiar os planejamentos e as discussões acerca do assunto de forma solidamente embasada, com condições reais de trazer resultados positivos. Em dezembro de 2003, Porto e Régner lançaram o livro “O Ensino Superior no Mundo e no Brasil – Condicionantes, Tendências e Cenários para o Horizonte 2003-2025: Uma Abordagem Exploratória” como um mapeamento do futuro do ensino superior no Brasil e no mundo, baseado no passado e nas mudanças que vêm ocorrendo com o tempo. Ao analisar o processo de internacionalização, os autores chegaram a quatro cenários ilustrados no diagrama abaixo (Figura 1). Abaixo da figura, há resumos das explicações dadas acerca dos cenários em si e a focalização do contexto no ensino superior.

Quatro cenários para o ensino superior no Mundo 2003 - 2025

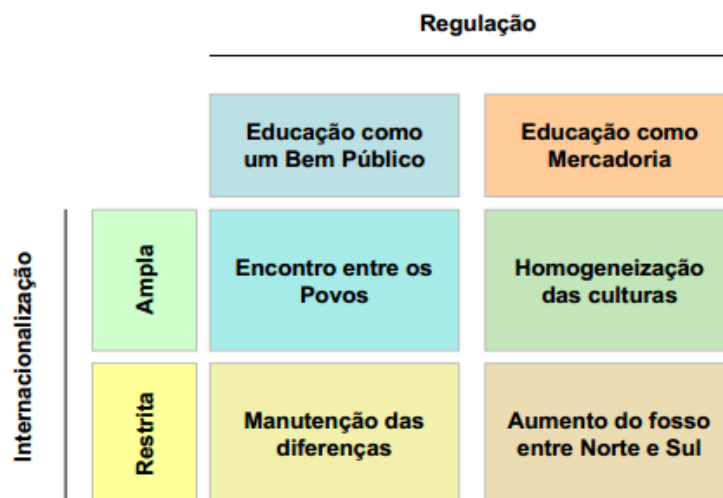


Figura 1 – Quatro cenários para o ensino superior no Mundo 2003-2025
Fonte: BRASIL, 2003.

- **Cenário 1: Encontro entre os Povos: Educação como um Bem Público em um Contexto de Ampla Internacionalização (p. 45-48):** neste contexto, a cooperação é a ideia principal, após várias turbulências e diversos conflitos que marcaram o século passado. Assim, organismos internacionais ganham força, e as esferas política, econômica e social colaboram para as relações internacionais no meio educacional, tanto que levam ao estímulo dos estudos na área das ciências humanas (incluindo pesquisas puramente culturais sobre pequenos grupos) – mesmo que elas não tragam resultados aplicados diretamente no setor produtivo – e à reformulação do ensino a distância. Vale salientar que os padrões de qualidade devem ser cada vez mais observados para que o processo de validação de diplomas seja feito com mais facilidade. Com relação à internacionalização em si, observa-se a assinatura de “parcerias internacionais para a expansão do sistema de ensino superior nos países em desenvolvimento” e a “criação de um fundo internacional de financiamento da educação superior”.

- **Cenário 2: Homogeneização das culturas - Educação como Mercadoria em um Contexto de Ampla Internacionalização (p. 49-52):** “o mundo é uma grande cadeia de produção onde cada um busca se integrar da melhor forma”. Internet, concorrência, evolução do sistema financeiro, fluxos de capital e bolsões de pobreza não deixam de influenciar o sistema educacional e fazer com que a educação se torne uma resposta para as necessidades empresariais, tirando o espaço das artes e das ciências humanas.

Em suma, “a educação cresce em importância e continua sendo a principal força motriz da inovação e competitividade dos países”, o que leva a um aumento nos investimentos em educação e nos lucros de grandes corporações educacionais, à elaboração de *rankings* globais baseados nos padrões de qualidade definidos e à perda do patrimônio cultural de comunidades devido à padronização do ensino.

- **Cenário 3: Manutenção das Diferenças - Educação como um Bem Público em um Contexto de Internacionalização Limitada (p. 53-56):** esse cenário se baseia na ideia de que “o mundo é dividido em grandes impérios” devido à estagnação da globalização e da concentração do poder e da capacidade produtiva nos “países centrais”. Com isso, perde-se a esperança de um sistema econômico mais justo e equilibrado, principalmente depois da volta do protecionismo e do enfraquecimento dos organismos internacionais que atuavam no mercado. Isso tudo leva a consequências diversas, como o agravamento de problemas sociais, estagnação das economias emergentes, falta de cooperação e aumento das diferenças de modo geral. Quanto ao ensino superior, ele se vê ainda mais influenciado pela economia, o que é percebido nas integrações entre blocos regionais (principalmente por meio dos intercâmbios acadêmicos) e negociações de reconhecimento de diploma. Por outro lado, o protecionismo pode ser notado na preservação de heranças culturais, nas restrições nas relações com universidades no exterior e na busca pelo desenvolvimento local. De forma geral, esse cenário ilustra um grande desenvolvimento do ensino superior, contando com a Unesco, com os governos e com fundos de fomento, o que gera crescimento da oferta em instituições públicas, auxílio do governo para financiamento dos estudos em faculdades particulares, avaliação da qualidade e da empregabilidade dos cursos, aumento da oferta de cursos a distância e aprimoramento do uso de tecnologias no processo ensino-aprendizagem.
- **Cenário 4: Aumento do fosso entre Norte e Sul - Educação como Mercadoria em um Contexto de Internacionalização Limitada (p. 56-59):** esse cenário está num contexto de “hiperconcorrência mundial: cada um por si”, que conta com uma OMC enfraquecida, um “comércio internacional turbulento e instável”, uma globalização em retrocesso, pouca cooperação e “reduzido crescimento econômico mundial e crises de liquidez”. Respostas a esse cenário se mostram falhas, imediatistas e instáveis, levando a conflitos étnicos, piora nas condições de emprego, “crescimento da

violência e contravenção” e, apesar de tudo, “pouca mobilidade social”. No quesito educacional, notam-se a falta de limites na busca por dinheiro, a redução dos fluxos de intercâmbio, a queda na qualidade do ensino em países em desenvolvimento, diferenças crescentes entre universidades, esvaziamento da Unesco, concorrência acirrada, crises e falências em várias instituições e pouco auxílio para os grupos sociais em desvantagem.

Todas essas informações resumiram-se em um quadro comparativo desenvolvido pelos autores (Figura 2), no qual é possível comparar as diferenças entre os cenários de forma mais sistêmica.

Quadro Comparativo - Variáveis Gerais dos Cenários Mundiais

Variáveis	CENÁRIO A – Encontro entre os povos	CENÁRIO B – Homogeneização das culturas	CENÁRIO C – Manutenção das diferenças	CENÁRIO D Aumento do fosso entre Norte e Sul
Idéia-força	Cooperação entre as nações	Mundo é uma grande cadeia de produção onde cada um busca se integrar da melhor forma	Mundo é dividido em grandes impérios	Hiperconcorrência mundial: cada um por si
Globalização	Ampla	Ampla	Estagnada	Retrocesso
Protecionismo	Pontual	Eliminado	Mantido	ampliado
Ordem econômica e monetária mundial	Existente	Existente	Inexistente	Inexistente
Papel da OMC	Fortalecido	Muito Fortalecido	Enfraquecido	Esvaziado
Crescimento econômico	Presente nos diversos países	Presente com permanência de bolsões de pobreza	Difícil para os países emergentes	Reduzido com crises de liquidez
FOCALIZAÇÃO				
Conceito predominante	Educação valorizada por aspectos econômicos e culturais	Educação valorizada principalmente por aspectos econômicos	Educação é valorizada por aspectos econômicos e culturais	Mercantilização desregulada da educação superior
Integração e regulação	Ampla mas regulada para manter o respeito às culturas locais	Ampla com regulações voltadas à garantia da concorrência	Reduzida com práticas de protecionismo para preservar heranças e valores culturais	Reduzida e pouco regulada
Padrões internacionais de qualidade e equivalência	Presente	Presente	Presente entre alguns blocos regionais e negociações bi ou multi laterais	Ausente
Vetor de internacionalização	Parcerias com desenvolvimento de competências locais Abertura de campi avançados Intercâmbio de alunos e professores	EAD, franquias, campi avançado, estímulo ao intercâmbio de estudantes e professores	Parcerias com instituições locais para o desenvolvimento de competências, intercâmbio intra-blocos,	EAD, exportação de pacotes didáticos, migração de pesquisadores para países centrais, redução dos fluxos internacionais de estudantes
Patrimônio cultural	Preservado	Tendendo à homogeneização	Preservado	Preservado
Papel da Unesco	Fiscalização dos acordos	Recomendação e mediação	Fomentação de acordos regionais e fiscalização pontual	Amplio esvaziamento
Financiamento	Fundo internacional	Captação de recursos no mercado	Fundos regionais	Instável e resolvido localmente

Figura 2 – Quadro Comparativo – Variáveis Gerais dos Cenários Mundiais
Fonte: BRASIL, 2003.

O aparato teórico trabalhado neste estudo foi direcionado para a melhor compreensão do processo de internacionalização em termos gerais, de forma que os dados levantados sobre a unidade de análise fossem melhor trabalhados para a construção do seu próprio cenário.

5 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi fundamental para a compilação precisa dos dados, uma vez que a pesquisa mesclou referencial teórico, pesquisa documental e dados primários coletados a fim de compreender uma realidade nunca estudada tão a fundo anteriormente.

Considerando o que diz Marconi e Lakatos (2011), “método” pode ser explicado como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permite alcançar o objetivo e os conhecimentos válidos, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando o pesquisador em sua tomada de decisões.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa descritiva em forma de estudo de caso descritivo, que contou com as seguintes estratégias: levantamento bibliográfico, pesquisa documental e realização de entrevistas semiestruturadas com autoridades envolvidas no processo de internacionalização da instituição objeto de estudo.

5.1 Natureza e objetivo da pesquisa

Optou-se por desenvolver um estudo de caso descritivo no qual foi adotada a abordagem qualitativa, pois, conforme Marconi e Lakatos (2011, p. 273), “a metodologia qualitativa tradicionalmente se identifica com o Estudo de Caso”.

A investigação qualitativa era antes uma alternativa à abordagem quantitativa (FLICK, 2009, p. 16). Hoje entende-se esse tipo de pesquisa como algo que guia o pesquisador na sua observação dos fenômenos sociais. “Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.” (DENZIN e LINCOLN, 2005a, p. 3 *apud* FLICK, 2009, p. 16)

Além disso, relacionando a metodologia com o objetivo deste trabalho, a pesquisa foi caracterizada como descritiva, pois, para obter os dados necessários para o estudo de caso, o foco da pesquisa foi “apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação para a pesquisa qualitativa” (SEVERINO, 2007, p. 123), ou seja, o intuito foi investigar o processo por meio da compilação de informações referentes a ele e produzir um material que pode ser fonte para futuros estudos, em que o mesmo processo poderá ser estudado mais a fundo.

O estudo de caso, por sua vez, é explicado por Yin (2010, p. 43) como “uma maneira de investigar um tópico empírico seguindo um conjunto de procedimentos preespecificados”. Método utilizado nas pesquisas da área das ciências sociais, Yin (2010, p. 42) explica que ele é ideal quando: (1) “as questões ‘como’ ou ‘por que’ são propostas”; (2) “o investigador tem pouco controle sobre os eventos”; e (3) “o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real”. Por tudo isso, Yin (2010, p. 24) afirma que esse método é utilizado para entender fenômenos sociais complexos (no caso deste trabalho monográfico, organizacionais) e

permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança de vizinhança, o desempenho escolar, as relações internacionais e a maturação das indústrias. (YIN, 2010, p. 24)

Quanto ao aspecto descritivo deste estudo de caso, Silva, Godoi e Mello (2010, p. 124) afirmam que o estudo de caso descritivo pode ser assim denominado quando “apresenta um relato detalhado de um fenômeno social que envolva, por exemplo, sua configuração, estrutura, atividades, mudanças no tempo e relacionamento com outros fenômenos”. Esse relato foi o meio principal por meio do qual foi possível fazer o levantamento almejado por este estudo.

Por esta pesquisa se tratar de um trabalho monográfico apresentado para a conclusão de um curso de graduação em uma Instituição de Ensino Superior, a investigadora escolheu sua universidade como unidade análise. Optou-se, portanto, por desenvolver um estudo de caso com o intuito principal de descrever o processo de internacionalização da Universidade Federal de Viçosa.

Outro característica desta pesquisa é que os dados – tanto os coletados por meio da pesquisa documental quanto das entrevistas semiestruturadas – foram levantados para compreender a realidade da instituição escolhida, e não universalizar os resultados e

procedimentos que foram observados. Essa é outra razão pela qual o método se mostrou adequado, já que reforça a ideia de que os resultados encontrados não podem ser extrapolados nem considerados universais. Silva, Godoi e Mello (2010, p. 124) também tratam disso: “normalmente os estudos de caso essencialmente descritivos são ateóricos, não se guiam por hipóteses previamente estabelecidas nem buscam a formulação de hipóteses genéricas”. Marconi e Lakatos (2011, p. 274) enfatizam isso ao afirmar que o estudo de caso restringe a pesquisa “ao caso que estuda, ou seja, um único caso, não podendo ser generalizado”.

5.2 Coleta de dados

Yin (2010, p. 22-23) em sua obra traz sugestões sobre como conduzir de forma efetiva um estudo de caso. Duas das ações sugeridas são: realizar “uma revisão minuciosa da literatura” e “usar múltiplas fontes de evidência, de forma que os dados converjam de modo triangular”. Portanto, o conteúdo deste trabalho baseou-se em uma pesquisa bibliográfica, uma pesquisa documental sobre a unidade de análise e entrevistas semiestruturadas.

5.2.1 Pesquisa bibliográfica

Como contribuição para o estudo de forma geral, lembramos que Gil (1999) destaca que “a pesquisa bibliográfica utiliza-se da contribuição de vários autores sobre determinada temática”, o que pode ser percebido ao longo deste estudo, e que Silva, Godoi e Mello (2010, p. 132) dizem que ela “informa os caminhos metodológicos percorridos de forma que se possa mapear os principais paradigmas orientadores de pesquisas já desenvolvidas”.

Foi feito um levantamento sobre o conceito de internacionalização relacionado especificamente ao ensino: os termos utilizados para trabalhar esse tema e o processo de internacionalização do ensino superior no Brasil, passando pela sua história, fatos que marcaram sua evolução, situação presente e as tendências para o futuro.

Para tanto, Laus (2012), Spears (2007), Stallivieri (2002 e 2007), Romanelli (1998), Bernheim e Chauí (2003), Rudzki (1998) e Charle e Verger (2002) foram os principais autores consultados.

Vale ressaltar que pesquisas como esta já foram realizadas em outras instituições, mas não ainda na Universidade Federal de Viçosa, reforçando a importância de ter o suporte de teorias desenvolvidas anteriormente.

5.2.2 Pesquisa documental

Pesquisa documental é uma técnica que trabalha com dados primários (neste caso, documentos de arquivos públicos, publicações administrativas e documentos de arquivos privados), usando várias fontes para recolher informações prévias sobre o que se é estudado (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 274).

Essa pesquisa foi feita para levantar informações sobre a unidade de análise, fazendo um levantamento da história da universidade, sua evolução como instituição de ensino, suas ações mais relevantes considerando o processo de internacionalização, seu planejamento estratégico e os resultados e conquistas apresentados pelo *site* da Instituição e por outros *sites* – como o G1 e Folha de São Paulo.

Recentemente, a UFV tem investido muito em materiais sobre a instituição, como a obra “A Universidade do Novo Milênio”, editada por José Maria Alves da Silva e Nilda de Fátima Ferreira Soares e idealizada para disseminar o conhecimento produzido durante o seminário internacional “A universidade no próximo século”, promovido pela UFV em 1999 como parte das comemorações dos 73 anos da UFV; o livro digital “UFV 87 anos – Uma viagem pela história da instituição” e a página *web* “Personagens e Pioneiros da UFV”. O *site* da universidade disponibiliza suas diretrizes organizacionais, seu “Plano de Desenvolvimento Institucional” e o “Jornal da UFV”, sendo este disponibilizado em versão impressa e digital.

Além disso, os Relatórios Anuais da DRI foram cedidos para esta pesquisa afim de proporcionar números que não são divulgados pela Instituição.

5.2.3 Entrevista semiestruturada

O segundo passo foi a aplicação de entrevistas semiestruturadas para uma melhor compreensão da trajetória da instituição estudada em relação ao processo de abertura internacional e apresentação da visão dos professores que lideram o processo estudado. Tendo em vista a necessidade de complementação de informações, bem como o enriquecimento do conteúdo relacionado ao processo de internacionalização da UFV, a entrevista foi considerada o meio mais apropriado para a coleta de dados neste estudo, almejando alcançar os objetivos propostos.

Para Marconi e Lakatos (2011, p. 278), a entrevista tem como objetivo “a obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas”, o que condiz com os objetivos desta pesquisa. O intuito de se usar esse instrumento coincidiu também com o que é apresentado por Severino (2007, p. 124), que

afirma que, por meio da entrevista, “o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”.

Quanto ao tipo de entrevista, escolheu-se a semiestruturada presencial, pois tratou-se de uma conversa com as autoridades envolvidas no processo estudado. Entendendo quando Severino (2007, p. 297) diz que, ao realizar uma entrevista semiestruturada, “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada”, compreendeu-se que essa era a melhor forma de conduzi-la.

Em relação ao modo de organizá-las, seguiu-se a orientação de Gil (2010, p. 105), em que se adota um roteiro para guiar a entrevista. “[...] o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias”; neste caso, as perguntas feitas nesse roteiro foram baseadas nos critérios de avaliação da cooperação internacional dos institutos federais adotados pelo Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (Stallivieri, 2008). São eles:

- Caracterização da instituição;
- Caracterização da unidade gestora da cooperação internacional;
- Estratégias para a cooperação internacional;
- Atividades de cooperação internacional;
- Financiamento para a cooperação internacional;
- Debilidades;
- Mudanças necessárias;
- Resultados e impactos da cooperação internacional.

Além de perguntas baseadas nas categorias supracitadas, encerrou-se as entrevistas dando espaço para os professores comentarem algo que lhes parecesse conveniente.

A partir dessas categorias, elaborou-se um roteiro (vide Apêndice A) para as três entrevistas que foram feitas entre os dias 25 de agosto e 2 de setembro de 2014 na universidade estudada. Para cada categoria, foram feitas uma ou duas perguntas abertas (treze no total), com o intuito de coletar dados que completassem as informações levantadas nas pesquisas bibliográfica e documental. Algumas perguntas foram tiradas ou acrescentadas durante a aplicação das entrevistas, de acordo com o que a pesquisadora julgou conveniente no momento.

5.2.3.1 População

Marconi e Lakatos (1996, p. 41) definem a população de uma pesquisa como “o conjunto de pessoas que partilham de, pelo menos, uma característica em comum”. Sendo assim, a população desta pesquisa é formada pelo conjunto de autoridades que são responsáveis pelo processo de internacionalização da UFV nos dias de hoje, o que caracterizou a amostragem como não probabilística intencional, pois a investigadora buscou depoimentos de “elementos da população, mas não representativos dela. Seria, por exemplo, o caso de desejar saber como pensam os líderes de opinião de uma determinada comunidade” (MARCONI e LAKATOS, 2011, p. 41).

Como as entrevistas tiveram o intuito de recolher relatos e percepções daqueles que desenvolvem o processo em uma instituição pública, foi proposto aos entrevistados que suas identidades fossem reveladas, como uma forma de deixar esse levantamento mais completo. Sendo assim, todos os respondentes leram e assinaram um termo de consentimento (vide Apêndice B) autorizando a não confidencialidade das respostas. Esse acordo com os entrevistados proporcionou citações e relatos interessantes a este trabalho.

Ao todo, foram entrevistados três professores que têm desempenhado funções estratégicas em relação à abertura internacional pela qual a universidade tem passado nos últimos tempos; ou seja, são os principais agentes internos articuladores do processo de internacionalização da UFV, cada um de uma maneira distinta, e, por isso, possuem conhecimentos, perspectivas, experiências, planos e expectativas diversas acerca desse processo, o que enriqueceu o estudo e possibilitou o alcance dos objetivos propostos. Os entrevistados foram:

1) Sua Magnificência a Senhora Professora Nilda de Fátima Ferreira Soares (Reitora): formada na UFV em Engenharia de Alimentos em 1984 e doutora em Ciências de Alimentos pela *Cornell University* (1997), compõe o corpo docente da UFV desde 1987, instituição na qual já ocupou cargos de Chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos, Pró-Reitora de Extensão e Cultura (período em que editou o livro “A Universidade do Novo Milênio”, mencionado no referencial teórico deste trabalho, e em que começou sua atuação de forma mais direta no processo de internacionalização), Vice-Reitora e, atualmente, Reitora. Possui pesquisas publicadas internacionalmente e participação em eventos fora do país.

2) A Senhora Professora Simone Eliza Facioni Guimarães (Coordenadora Técnica da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais): cursou Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural da Amazônia (1986) e, na UFMG, fez mestrado em Medicina Veterinária (1990) e doutorado em Ciência Animal (1994). Seu pós-doutorado em Genética

Molecular foi cursado na *Iowa State University* (2006). Além de Coordenadora Técnica da DRI, atua como revisora de periódicos internacionais e já foi coordenadora de convênios com instituições estrangeiras. Como Coordenadora Técnica, representa principalmente os interesses da pós-graduação, junto com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG).

3) O Senhor Professor Vladimir Oliveira Di Iorio (Diretor da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais): completou seu bacharelado em Informática na UFV (1990) e mestrado e doutorado em Ciência da Computação na UFMG, sendo o último feito em caráter “sanduíche” na *University of Copenhagen*. Atua como professor na UFV desde 1992 e já assumiu as funções de Coordenador do Bacharelado, Coordenador do *Lato Sensu* e Chefe do Departamento de Informática. É responsável por um convênio com a *Universidad Autónoma Chapingo* desde 2005; começou a atuar diretamente na internacionalização da universidade em 2010, quando assumiu a posição de Coordenador Técnico da DRI; hoje responde como diretor, cargo mais alto do órgão.

5.2.3.2 Análise dos dados

É pertinente reiterar o fato de que não coube a este trabalho analisar as respostas das entrevistas ou classificá-las de acordo com teorias ou fenômenos semelhantes.

A fim de corresponder com a finalidade de estudo de caso que foi escolhida para nortear esta pesquisa, os relatos coletados por meio das entrevistas tiveram o objetivo de compreender a configuração, a estrutura, as atividades e as mudanças que estão presentes no fenômeno de internacionalização que ocorre na unidade de análise desta pesquisa. O conteúdo abordado nas entrevistas foi atrelado aos assuntos trabalhados no referencial teórico para, assim, formar um levantamento completo de informações acerca do assunto na unidade de estudo.

Os dados coletados por meio das entrevistas tiveram a função de complementar as informações levantadas na pesquisa documental para a compreensão ampla e completa do processo de abertura internacional da UFV. Para isso, foram mantidas as categorias que guiaram o roteiro, e as respostas foram resumidas e apresentadas dentro dessas categorias, sendo que a teoria e os objetivos deste estudo foram abordados com frequência.

6 PESQUISA DOCUMENTAL

A Universidade Federal de Viçosa é a unidade de análise deste estudo de caso e consultou-se o referencial mencionado na Metodologia para a compilação dos dados apresentados abaixo.

6.1 Sobre sua criação

Antes de se tornar a Universidade Federal de Viçosa, foi criada a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), pelo então Presidente do Estado de Minas Gerais – Arthur da Silva Bernardes – pelo Decreto 6.053, de 30 de março de 1922. Suas atividades didáticas, por sua vez, iniciaram-se em 1927, com o oferecimento de “Cursos Fundamental e Médio” e, no ano seguinte, do Curso Superior de Agricultura. Em discurso proferido, o Presidente explica que criou a ESAV “com o alto objectivo de abolir o empirismo agrícola, a que tantos mineiros consagravam suas energias, no amanho diuturno da terra como na criação e pastoreio dos seus rebanhos” (BERNARDES, 1922).

De acordo com o *site* “Personagens e Pioneiros da UFV”, o Presidente Arthur Bernardes foi um homem “dotado de grande disciplina pessoal, obstinado na dedicação ao trabalho, inteligente e bem informado”. Ao idealizar a ESAV, foi buscar auxílio no país que era referência em agricultura na época, os Estados Unidos, e contactou o Embaixador do Brasil em Washington, José Cochrane de Alencar, para encontrar um diretor de uma escola agrícola

que pudesse trabalhar no planejamento e na implantação da ESAV. Depois de duas tentativas frustradas, o Prof. Peter Henry Rolfs – representando o Departamento de Agricultura e o Departamento de Estado dos Estados Unidos – atendeu à solicitação. Em 1º de agosto de 1927, ele tomou posse como o primeiro diretor da escola, trazendo consigo vários títulos e prêmios que refletiram no seu comprometimento em criar uma escola de excelência que mudaria a realidade da Zona da Mata mineira e de todo o Brasil.

O Prof. Rolfs estudou na *Iowa State College* (atual *Iowa State University*) e na *University of Florida*, e foi nessas duas universidades que ele buscou exemplos estéticos, estruturais e acadêmicos. Isso pode ser observado nas semelhanças entre as figuras 3 e 4, sendo que uma mostra a entrada antiga da *Iowa State University* (Figura 3) e a outra mostra a entrada atual da UFV (Figura 4). Outro fato interessante é que as legendas das pilastras em Iwoa trazem as frases *Learning by Doing* (Aprender Fazendo) e *Science with Practice* (Ciência e Prática), que inspiraram os dizeres das “Quatro Pilastras” da UFV – Estudar, Saber, Agir, Vencer –, lidos em latim por aqueles que estão entrando na UFV e em português pelos transeuntes que deixam a universidade. Com relação à estrutura acadêmica, Prof. Rolfs levou para Viçosa a filosofia dos *Land-Grant Colleges*¹¹, alicerçada nos pilares do ensino, pesquisa e extensão, que exerceu extraordinária influência no desenvolvimento da agricultura norte-americana.



Figura 3 – “Welcome Alumni” Homecoming Sign (1923)

Fonte: <http://www.add.lib.iastate.edu/spcl/exhibits/homecoming/images.html>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

¹¹*Land Grant College* é uma instituição de ensino cuja missão original é ensinar agricultura, táticas militares e artes mecânicas assim como estudos clássicos para que os membros das classes trabalhadoras pudessem ter uma educação liberal e prática.

Fonte: *The Land-Grant Tradition* (1995) apud *West Virginia University website*. Disponível em: http://www.ext.wvu.edu/about_extension/land_grant_system. Acesso em: 21 de julho de 2014. Tradução e adaptação nossa.



Figura 4 – Quatro Pilastras – UFV

Fonte: UFV, s.d., n.p. Disponível em: www.ufv.br. Acesso em: 22 de julho de 2014.

Para administrar os trabalhos de construção da escola, foi convidado o Engenheiro João Carlos Bello Lisboa, que trabalhava em reformas urbanísticas na cidade de Ponte Nova (em 1929, ele assumiu a Diretoria Geral). Bello Lisboa e Prof. Holfs foram os principais personagens da criação da ESAV. O excelente trabalho de ambos rendeu-lhes muito reconhecimento, e a aprovação do Presidente Arthur Bernardes foi explicitada em seu discurso:

Satisfeitos e contentes devem sentir-se quantos colaboraram nesta iniciativa victoriosa, sobretudo os governantes que me sucederam, o fundador tecnico e ex-diretor da Escola, Professor P. H. Rolfs, e o encarregado da construção das obras e seu diretor actual, o illustre engenheiro J. C. Bello Lisboa, com os quaes me congratulo ainda uma vez. (BERNARDES, 1922, n.p.)

Observa-se, pois, que o conceito “internacional” está presente na história da UFV desde sua criação, não somente pela liderança de um diretor estrangeiro, mas pelos reflexos claros de sua influência que podem ser percebidos no *layout* do *campus*, no comprometimento com a qualidade dos três pilares da instituição – ensino, pesquisa e extensão –, no estilo de administração adotado e no espírito pioneiro sempre presente na universidade. Até o ano de 1933, a ESAV já contava com curso superior em Agronomia, Zootecnia, Veterinária; além da realizar a Semana do Fazendeiro (cujas primeiras edições foram realizadas em 1929 e hoje é o maior e mais antigo evento sobre agricultura do país) e de cursos na área doméstica (prática importante para o contexto regional que se firmou e deu origem ao atual curso de Economia Doméstica). Todos esses fatos mostram o crescimento rápido e dinâmico da escola.

Em 1948, o governo do estado observou o desenvolvimento da ESAV e sua importância crescente para a região e decidiu transformá-la em Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), composta pelas escolas superiores de Agricultura, Veterinária e Ciências Domésticas. Além disso, oficializou-se o compromisso com os três pilares da

universidade através da criação do Serviço de Experimentação e Pesquisa e do Serviço de Extensão.

6.2 Início dos programas de intercâmbio e seus benefícios

Apesar de a vinda de professores norte-americanos ter-se iniciado com o Prof. Peter Rolfs, a mobilidade acadêmica começou na UFV com o intercâmbio entre professores na década de 30. O primeiro programa de treinamento no exterior foi lançado pelo americano John Benjamin Griffing durante seu mandato como diretor, em 1937. Embora não registrado como um acordo oficial, o intuito era enviar anualmente dois professores da ESAV para estudar em uma universidade norte-americana de sua preferência, sendo os primeiros contemplados Antônio Secundino de São José e Geraldo Gonçalves Carneiro.

Para impulsionar essa iniciativa de abertura internacional e começar a receber professores estrangeiros, buscou-se firmar um acordo com a Universidade de Purdue, o que não se mostrou como algo simples. Entre as adaptações necessárias para tal, estava a construção de quarenta casas para professores norte-americanos e suas famílias, pois a cidade de Viçosa não dispunha de residências com o perfil de acomodação exigido pelo Projeto Purdue-UFV. No início da década de 50, o Secretário de Agricultura Américo, René Gianetti, foi procurado para auxiliar no fomento dessa ação, o que deu origem à Vila Gianetti¹². Mesmo com todos os esforços, esse acordo só foi oficializado no final da década de 50 (esse episódio será abordado com mais detalhes no próximo subtópico).

6.3 Início da pós-graduação no Brasil: uma consequência da internacionalização da UFV

Depois de conquistado o título de “universidade”, os esforços da UREMG foram concentrados na pós-graduação, que era um sonho antigo da instituição. Desde seu primeiro regulamento, aprovado logo em 1926, eram oferecidos cursos nas seguintes modalidades: “breves, elementares, médios, superiores e especializados, sendo o último já com as características primitivas e pioneiras de pós-graduação” (UFV, 2013). Em busca do primeiro curso de pós-graduação do país, foi criada juntamente com a UREMG a Escola de Especialização (Pós-Graduação).

Mais uma vez, a universidade buscou apoio nos Estados Unidos para concretizar esse projeto. Em 1958, foi concretizada a colaboração entre a Universidade de Purdue e a UREMG. O acordo contava com intercâmbio bilateral entre professores das universidades, o

¹²A Vila Gianetti funcionou com tal propósito até o início dos anos 90, quando foi desocupada e suas casas se transformaram em laboratórios, sedes de ONGs e centros com atividades de pesquisa e extensão.

que trouxe benefícios essenciais, como “a vinda de professores altamente qualificados, e o envio de professores para treinamento, resultando em significativo aprimoramento da experimentação e da pesquisa e no início dos primeiros programas de pós-graduação em ciências agrárias do País”.

Surge assim, em 1961, a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, oferecida pela UREMG e seguindo mais uma vez o modelo americano: *Master of Science* (refere-se ao curso de mestrado). O primeiro foi o curso de Hortaliças (Fitotecnia) da área de Ciências Agrárias do Instituto de Economia Rural e do Departamento de Horticultura. Esse feito foi possível graças à defesa do então mestrando José de Almeida Soares, sob a orientação do Prof. Flávio Augusto D’Araujo Coutto nesse ano. Depois disso, foram criados os cursos de mestrado em Zootecnia (62), Extensão Rural (68) e Fisiologia Vegetal (69).

6.4 A Universidade Federal de Viçosa

A UREMG adquiriu assim renome em todo o país, o que levou o governo federal a federalizá-la, em 1969, sob o nome de Universidade Federal de Viçosa, cujo primeiro Reitor foi o ex-aluno Edson Potsch Magalhães.

Tudo o que foi levantado até agora deixa claro que a tendência internacional da organização não se limita à sua criação ou aos programas de intercâmbio do governo federal. De acordo com o mapa de convênios disponível no *site* da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFV (maiores informações sobre esse órgão estão no próximo subtópico), a universidade possui convênios vigentes com instituições em 33 países: Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Cuba, Dinamarca, Egito, Equador, Escócia, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Honduras, Hungria, Inglaterra, Itália, Japão, México, Moçambique, Omã, Paraguai, Peru, Portugal, Rússia e Venezuela. Ainda no *site* da instituição, define-se bem o posicionamento da UFV quanto à importância da internacionalização para sua cultura organizacional, principalmente no que diz respeito à qualificação de seus professores:

A UFV tem contado com o trabalho de professores e pesquisadores estrangeiros de renome na comunidade científica, que colaboram com o seu corpo docente, ao mesmo tempo em que executa um programa de treinamento que mantém diversos profissionais se especializando tanto no Brasil quanto no exterior. Nesse particular, a UFV é uma das instituições brasileiras com índices mais elevados de pessoal docente com qualificação em nível de pós-graduação.¹³

¹³Disponível em: http://www.portal.ufv.br/florestal/?page_id=55. Acesso em: 21 de julho de 2014.

Ao observar a UFV como uma organização, percebe-se mais uma vez a presença dos ideais de internacionalização em suas diretrizes. A universidade administra um *site* que divulga todo seu planejamento institucional (<http://www.planejar.ufv.br>), e nele foi possível verificar a missão e a visão da organização, além dos seus objetivos institucionais, sendo que o sexto trata especificamente da internacionalização:

Missão: exercer ação integrada das atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à universalização da educação superior pública de qualidade, à inovação, à promoção do desenvolvimento institucional e das ciências, letras e artes e à formação de cidadãos com visão técnica, científica e humanística, capazes de enfrentar desafios e atender às demandas da sociedade.

Visão de Futuro: consolidar-se como instituição de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão, reconhecida pela comunidade científica e pela sociedade, nacional e internacionalmente.

Objetivo 6: Aprimorar políticas de intercâmbio acadêmico com instituições nacionais e internacionais.

Coordenador: Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais (UFV, s.d., n.p.)

Relembrando o que foi tratado no início deste referencial teórico, os intuítos de universalizar o conhecimento, atender às demandas de uma sociedade globalizada e ser uma instituição reconhecida existem desde a Idade Média no contexto do ensino superior e são os maiores motivadores das relações internacionais entre as instituições (Charle e Verger, 2002). Mais uma vez, a UFV mostrou que a importância das cooperações internacionais sempre foi bem entendida e assimilada pela instituição e faz parte hoje de sua identidade como organização.

6.5 A Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (DRI)

Para melhor organizar as ações de internacionalização da UFV, foi criada a Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais, responsável pelas relações com o mundo acadêmico-científico internacional, com o propósito de proporcionar oportunidades internacionais para docentes, discentes e funcionários. Além disso, “a DRI vem assumindo novas responsabilidades institucionais que redundam em possibilidades para manter a Universidade em sua destacada posição no cenário educacional tanto no Brasil como em outras partes do mundo.”¹⁴

O Plano de Gestão da UFV possui um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) para cada setor e departamento da universidade, ou seja, cada um possui sua missão, sua visão, seu objetivo e suas ações, classificadas por nível de prioridade e já contendo o prazo de

¹⁴Disponível em: <http://www.aip.ufv.br/?pagina=quemSomos>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

realização e o responsável por cada uma dessas ações. Para melhor compreender o funcionamento da DRI, seus projetos e resultados, montou-se uma tabela (ver Anexo A) com as diretrizes organizacionais dos planos disponíveis no site (os de 2001-2004, 2005-2008, 2009-2012 e 2012-2015).

Vale lembrar que a forma de se fazer o Plano de Gestão passa por mudanças¹⁵ a cada edição e que, portanto, as informações podem ser apresentadas de formas distintas em cada plano, e as nomenclaturas – inclusive da própria DRI – sofreram alterações com o tempo.

Analisando a tabela, foi possível observar diversos pontos:

- **Autonomia:** em 2001, as assessorias eram completamente dependentes da administração central da UFV, tanto que não possuíam nem missão e visão próprias. A partir de 2005, foi dada certa autonomia às assessorias como um grupo, o que lhes permitiu melhor compreender sua razão de ser e sua ambição futura. Em 2009, entendeu-se a importância dos assuntos ligados às relações entre a UFV e o meio externo, o que possibilitou a mudança de AIP (assessoria) para DRI (diretoria). Mais informações sobre essa mudança estão disponíveis na análise das entrevistas. Esse tópico corrobora a ideia de Harrari (1989) abordada neste estudo, em que ele acredita que internacionalização deve ser tratada como uma política institucional e fazer parte do desenvolvimento estratégico da instituição.
- **Mudança de foco:** em 2001, não havia um objetivo específico para internacionalização, sendo a política, a meta e as ações estabelecidas muito vagamente. No plano de 2005, observa-se a busca por ações mais concretas e significativas, como a publicação da Revista UFV & Parceiras e a melhoria dos serviços oferecidos pela então AIP, indo além da ampliação de acordos internacionais. Depois, foram formuladas a missão e a visão – que são as mesmas até hoje –, de modo que se abrangeu tanto o lado internacional quanto interinstitucional da diretoria; entretanto, o primeiro objetivo divulgado mostrou um foco totalmente interno. Foi somente em 2012 que a DRI se mostrou como o principal agente interno responsável pela internacionalização da UFV, delimitando um objetivo condizente com sua missão e visão e estabelecendo metas atingíveis e alinhadas entre si e com relação às demais diretrizes.

¹⁵ Antes, todas as assessorias ligadas à Reitoria possuíam o mesmo planejamento baseado nas mesmas diretrizes. Por conta do excesso de informações não relevantes para este estudo, foram transcritas na tabela apenas aquelas relacionadas com a internacionalização (isso ocorreu nos planos de 2001-2004 e 2005-2008, os dois mais recentes foram transcritos na íntegra). Além disso, vale ressaltar que a DRI chamava-se “Assessoria Internacional e de Parcerias” (AIP) anteriormente, sendo que a nomenclatura e o estatuto atuais foram aprovados e publicados pela Resolução n. 13/2010 do CONSU (Conselho Universitário).

- **Compreensão do termo “internacionalização”:** ao analisar as diretrizes acima à luz dos conceitos acerca da internacionalização de Laus (2012) e Rudzki (1998), foi possível concluir que a UFV entende a complexidade do termo internacionalização e busca trabalhar continuamente pelo desenvolvimento pleno do processo. Entretanto, observou-se no Plano de Gestão vigente um enfoque muito grande nos programas de intercâmbio estudantis, em vez de se abordarem também os outros quesitos trabalhados por Rudzki (1998) – análise curricular e capacitação da equipe administrativa – e Laus (2012) – adequação das estruturas institucionais, conflitos e problemas surgidos. Esses pontos são muito relevantes para se conquistar um processo de abertura internacional sustentável, dinâmico e eficiente.
- **Sincronia com a UFV:** ao comparar as diretrizes atuais da UFV e da DRI, comprovou-se que há um alinhamento entre seus planos, o que é uma vantagem para ambas, uma vez que trará bons resultados e beneficiará muitos indivíduos.

É a partir desses dados e dessas considerações que foi possível inferir o quão organizada a UFV é em relação à internacionalização e o quão alinhada a DRI – principal responsável por esse processo – está com a universidade. Todo esse planejamento tem trazido cada vez mais resultados para a Instituição e mais benefícios para os contemplados.

6.6 Relatórios Anuais da DRI

Em 2010, desde que a AIP tornou-se DRI, relatórios anuais começaram a ser elaborados com a finalidade de expor o que foi desenvolvido pela diretoria no período de fevereiro a dezembro do respectivo ano. Os relatórios dos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013 foram disponibilizados para esta pesquisa e muito auxiliaram a visualizar, em números, a evolução do processo de internacionalização da universidade. A fim de sumarizar a apresentação desses números, a autora desta pesquisa elaborou uma tabela e cinco gráficos, disponibilizados abaixo.

A Figura 5 traz um resumo dos números mais relevantes desses documentos, separados em categorias escolhidas pela autora, e está seguida por gráficos que proporcionam uma visão comparativa da evolução desses números com o tempo.

Relatórios Anuais da DRI				
	2010	2011	2012	2013
Mobilidade OUT				
Estudantes	109	109	331	427
Programa Ciências sem Fronteiras	--	--	146	303
Docentes	273	266	156	284
Mobilidade IN				
Estudantes	75	110	124	218
Outros				
Convênios contabilizados	--	101	114	130
Gastos totais	R\$ 156.465,42	R\$ 73.951,26	R\$ 78.313,19	R\$ 135.801,59

Figura 5 – Relatórios Anuais da DRI
 Fonte: Relatórios Anuais da DRI (2010-2013).

A mobilidade acadêmica passou por um crescimento real nos últimos anos. A figura abaixo explicita bem o aumento de 290% em relação ao número de estudantes estrangeiros que vieram estudar na UFV nesses quatro anos.

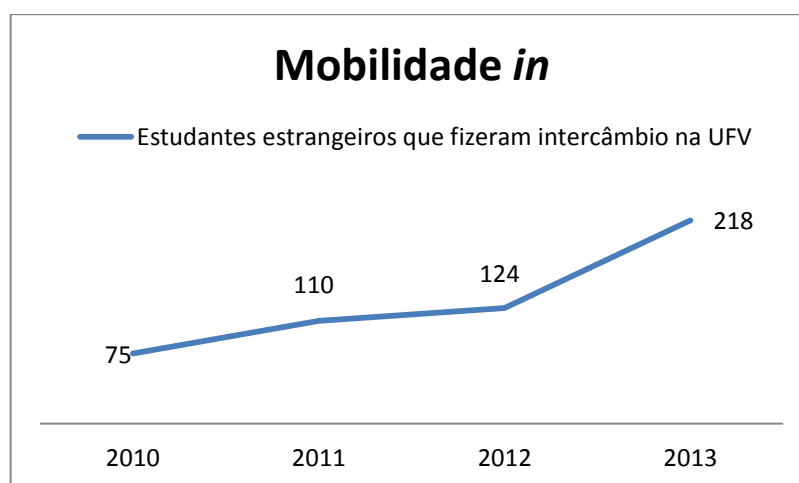


Figura 6 – Mobilidade in
 Fonte: Relatórios Anuais da DRI (2010-2013).

Já com relação aos resultados apontados na categoria “mobilidade out”, é possível observar algumas oscilações com relação à ida de professores para o exterior e a estagnação inicial da ida de alunos, seguida por um aumento de 303% entre os anos de 2011 e 2012 e de 129% de 2012 a 2013.

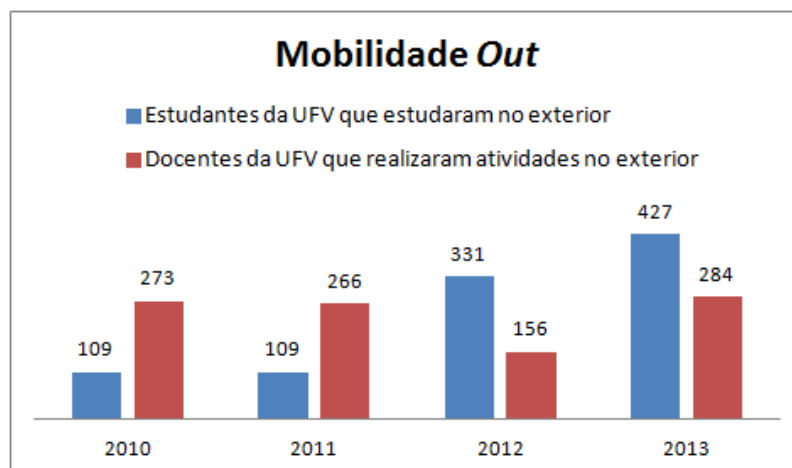


Figura 7 – Mobilidade out
 Fonte: Relatórios Anuais da DRI (2010-2013).

Ainda sobre a “mobilidade out”, as figuras 8 e 9 mostram o quão significativa foi a atuação do programa Ciência sem Fronteiras para o aumento de estudantes da UFV no exterior comparado a todos os outros programas juntos, além do aumento de 207% no número de discentes aprovados para participar do CsF entre 2012 e 2013.

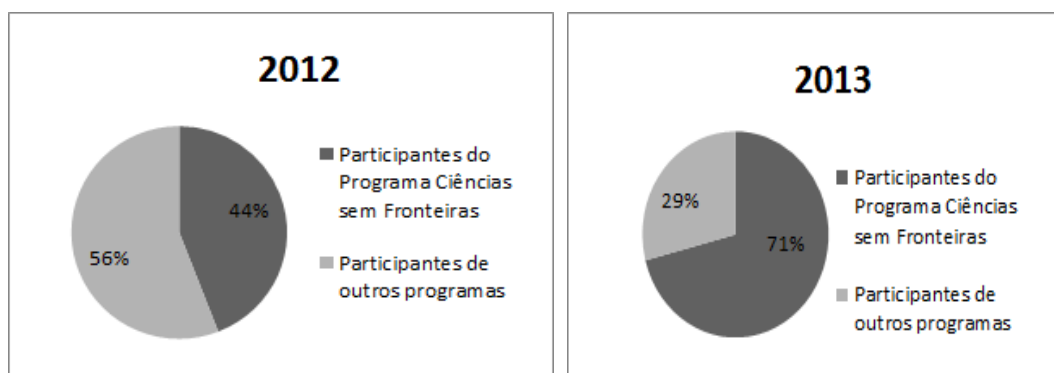


Figura 8 – Comparação entre o número de participantes do Programa Ciência sem Fronteiras e o de participantes de outros programas no ano de 2012

Figura 9 – Comparação entre o número de participantes do Programa Ciência sem Fronteiras e o de participantes de outros programas no ano de 2013

Fonte: Relatórios Anuais da DRI (2010-2013).

Em se tratando dos convênios assinados, o pequeno aumento se torna significativo quando se considera a burocracia desse procedimento. Quanto aos gastos, observa-se uma grande queda entre 2010 e 2011 (211%), que levou a um valor que praticamente se manteve em 2012 e aumentou 173% em 2013, o que fica mais claro no Figura 9. Vale ressaltar que nos relatórios encontram-se tabelas com a síntese dos gastos do ano, sem maiores informações.

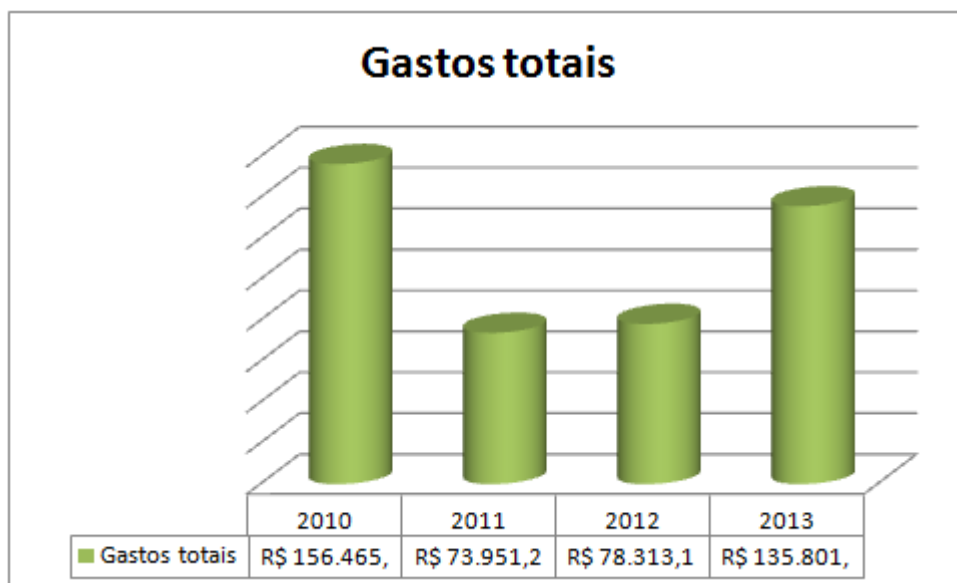


Figura 10 – Gastos Totais
 Fonte: Relatórios Anuais da DRI (2010-2013).

Além dos números apresentados acima, os relatórios também trazem informações sobre programas, visitas, realização de eventos e projetos que foram relevantes naquele período. Abaixo estão listados os mais relevantes de cada ano:

- Em 2010: oferecimento de um curso gratuito de inglês intensivo no mês de julho para docentes, que durou oitenta horas/aula e contou com 22 participantes; organização da primeira recepção de alunos estrangeiros, dia 10 de agosto, no CEE; a Semana do Fazendeiro recebeu delegações de onze países africanos que participaram de cursos durante todo o evento; realização de um *workshop* pela *University of Illinois at Urbana-Champaign*, que deu início ao desenvolvimento do projeto do Instituto de Segurança Alimentar e Combate à Pobreza na UFV.
- Em 2011: a DRI passou a contar com um estagiário responsável por fazer os melhoramentos no *site* da diretoria; aprovado o regimento da DRI e oficializada a mudança de “assessoria” para “diretoria” (de AIP para DRI); organização de visitas de agentes da Polícia Federal de Juiz de Fora para assistir os estudantes estrangeiros (o que se tornou algo frequente posteriormente); a DRI colaborou para o Simpósio Internacional de Segurança Alimentar e Combate à Pobreza, em parceria com a *Food and Agriculture Organization* (FAO), que contou com cerca quatrocentos participantes de todo o mundo.
- Em 2012: foi dado início a um projeto de criação de um sistema informatizado para manter um banco de dados com as informações referentes à mobilidade internacional.

- Em 2013: foi criado o programa Embaixadores da UFV, que selecionou estudantes interessados em “atuar como voluntários no processo de internacionalização da universidade, especialmente na recepção de estudantes estrangeiros”.

6.7 Ações e conquistas

Recentemente, a palavra “internacional” tem aparecido consideravelmente nas notícias divulgadas pelas mídias da UFV, tanto que a edição¹⁶ de maio/junho de 2014 do “Jornal da UFV” trouxe um apanhado geral dos últimos feitos conquistados pela universidade relacionados à internacionalização, feitos esses transcritos abaixo:

- **Ciência sem Fronteiras (CsF):** em junho de 2014, foi atualizado o “Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras”¹⁷, e a UFV aparece como a segunda instituição mineira que mais manda estudantes para o exterior¹⁸, ficando atrás apenas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – independente da modalidade. No *ranking* nacional das instituições, a instituição aparece na 15ª posição. Esse fato foi divulgado no jornal como uma prova do “incentivo que a instituição vem dando ao seu processo de internacionalização”. Entre as razões para o alto número de contemplados está o oferecimento gratuito do exame de proficiência do TOEFL desde 2013 (“o mais difundido e aceito por universidades no CsF”), que levou a possibilidade de pleitear a bolsa a mais estudantes. A gratuidade do exame passou a ser possível depois que a Reitoria assumiu os custos de aplicação da prova nos três *campi*.
- **Programa 100,000 Strong in the Americas:** o edital do programa “100 Mil Unidos nas Américas” possui o objetivo de “aumentar o fluxo de intercâmbio entre estudantes dos Estados Unidos e de outros países da América”, e a UFV foi uma das três instituições brasileiras selecionadas. A universidade receberá uma “verba que será empregada, conforme determina o edital, em projetos de capacitação para melhor realização desses intercâmbios”. Um dos investimentos que serão feitos com essa verba, já prevista no edital, é o oferecimento de matérias em inglês, que é considerada a “grande revolução na internacionalização da UFV”, de acordo com o diretor da DRI, Prof. Vladimir Di Iorio. Outras ações que serão possíveis graças à verba do 100,000

¹⁶Disponível em: <http://novoportall.ufv.br/portallufvnuovo/www/wp-content/uploads/2014/04/Jornal-da-UFV-Maio-Junho-2014.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

¹⁷Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em 21 de julho de 2014.

¹⁸Esse painel foi consultado novamente no dia 13 de setembro; ele continha os dados atualizados até agosto de 2014. Até então, a UFV mandou 1.458 estudantes para o exterior, sendo que 588 foram para os Estados Unidos e 42,8% do total fazem cursos de “Engenharias e demais áreas tecnológicas”. Esses números mostram que a universidade seguiu a tendência brasileira apontada na bibliografia deste trabalho.

Strong in the Americas são o aumento na oferta de matérias de português para estrangeiros, a consolidação do programa “Embaixadores da UFV” – projeto em que alunos “participam, por exemplo, da recepção de visitantes estrangeiros e da integração de estudantes de outros países na vida acadêmica da Universidade” – e a emissão do histórico escolar dos estudantes da graduação em inglês (que pode ser feita via Sapiens¹⁹).

- **Pós-graduação:** o fortalecimento de parcerias e o fato de conseguir distribuir noventa por cento das bolsas disponíveis para o programa de “Doutorado Sanduíche no Exterior” são grandes feitos para a pós-graduação da UFV. Além disso, assinaturas de convênios de cotutela estão ocorrendo cada vez mais frequentemente com universidades norte-americanas e europeias. Sobre isso, destaca-se a assinatura do convênio de doutoramento conjunto entre a UFV e a *University of Queensland*, da Austrália, para os programas de pós-graduação em Zootecnia, o que é uma iniciativa rara no Brasil. De forma geral, a Profa. Simone Guimarães, Coordenadora Técnica da DRI, afirma que “o projeto de internacionalização da UFV não consiste apenas em enviar estudantes para o exterior”, mas também tem se esforçado para criar e fortalecer parcerias consolidadas a longo prazo. Profa. Simone ainda lembrou o passado: “Fomos não somente a primeira universidade do Brasil a defender uma dissertação de mestrado, em 1961, mas também uma das primeiras a fechar acordos oficiais de doutoramento conjunto com universidades estrangeiras”.
- **Núcleos de Língua:** criado como uma ação do Programa Ciência sem Fronteiras do governo federal, o Inglês sem Fronteiras (IsF) foi implementados nas universidades federais para “ampliar o conhecimento em língua inglesa por meio do oferecimento de cursos presenciais e a distância e da aplicação de testes de proficiência”. Os Núcleos de Línguas (Nucli-IsF) foram implementados nas universidades para oferecer os cursos presenciais gratuitos. As professoras Ana Maria Ferreira Barcelos e Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier – ambas do Departamento de Letras – são as responsáveis pelo Nucli na UFV, que conta hoje com oito professores, 24 cursos e cerca de 360 alunos. A equipe também conta com as estudantes norte-americanas Krystall Lobban e Margaret Palmer – do programa *English Teaching Assistants* –, que auxiliam na formação dos professores brasileiros e ministram cursos e palestras para a

¹⁹“Sapiens” é o “Sistema de Apoio ao Ensino” da Universidade Federal de Viçosa utilizado por estudantes e professores. Por meio dele, os alunos podem, além de gerar o histórico escolar, fazer sua matrícula semestralmente, acompanhar suas notas e faltas, alterar dados pessoais, entre outras atividades.

comunidade acadêmica. A reportagem destacou também que as parcerias da UFV com fundações estrangeiras tem proporcionado várias oportunidades para estudantes e ex-alunos da universidade ministrarem aulas de português em instituições no exterior.

- **One Health:** ainda para ser assinado, o convênio será estabelecido entre a UFV, a *University of Washington* e a *Washington State University*, sendo que na instituição brasileira o programa contará com a participação dos programas de pós-graduação em Medicina Veterinária, Microbiologia Agrícola, Tecnologia de Alimentos e Nutrição e com os Departamentos de Medicina e Enfermagem. O foco do programa é a cadeia produtiva de alimentos (desde a produção até o mercado). Hoje, as ações são individuais, e já existe o intercâmbio de pesquisadores entre as instituições em torno de uma abordagem que associa a saúde humana às saúdes animal e ambiental. Com a oficialização do acordo, a expectativa é que o programa cresça e se consolide, oferecendo mais intercâmbios e até mesmo acordos de dupla titulação. O Prof. Luís Augusto Nero, responsável pelo programa de pós-graduação em Medicina Veterinária da UFV, conclui a matéria listando alguns benefícios que as experiências de intercâmbio podem trazer de forma geral:

O reflexo é a interação entre os grupos de pesquisadores e a elaboração de projetos mais ambiciosos, relevantes e abrangentes. O intercâmbio de pesquisadores dá a eles uma visão diferente e complementar, além de uma oportunidade de avançarem o campo de atuação.

Além dessa notícia especial com os fatos mais recentes sobre a internacionalização da UFV, há outros acontecimentos que devem ser destacados:

- **UFV no ranking das cem melhores universidades em ciências agrárias e florestais do mundo²⁰:** o *ranking* do ano de 2013 da revista *QS World University Rankings* mostrou que a UFV está firme no cenário mundial. No *site* da revista, há uma descrição positiva da universidade, o que mostra que sua imagem está sendo bem trabalhada no exterior.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) se destaca nos cenários nacional e internacional como centro de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão, mantendo-se entre as dez melhores universidades do Brasil, de acordo com o Ministério da Educação. É reconhecida internacionalmente por seus programas de pós-graduação em Fitopatologia, Entomologia, Fisiologia

²⁰Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=18590. Acesso em: 21 de julho de 2014.

Ao se pronunciar sobre a notícia, a atual Reitora da instituição, Profa. Nilda de Fátima Ferreira Soares, disse que esse resultado “é fruto de um trabalho coletivo, de um esforço constante de professores, estudantes e servidores técnico-administrativos no processo de internacionalização da Universidade”.

- **Viagens internacionais²²**: a Reitora da UFV e a Diretora Técnica da DRI fizeram várias visitas a universidades no exterior, principalmente nos anos de 2013 e 2014. Essas viagens são importantes para promover o diálogo entre as instituições, fortalecer e/ou criar parcerias e convênios e realizar um *benchmarking* sobre boas práticas de internacionalização. Além disso, a UFV tem marcado presença nos principais eventos que discutem esse tema no Brasil e no mundo, como as reuniões anuais da FAUBAI e o “Fórum Brasil-União Europeia sobre Internacionalização da Educação Superior”, tendo este acontecido em Bruxelas, na Bélgica, em 27 de fevereiro de 2014. Esses eventos são muito relevantes para o desenvolvimento das cooperações internacionais. Temas como inovação e empreendedorismo nos programas de mobilidade, os programas “Erasmus Mundos” (programa de mobilidade para pós-graduação criado e financiado pela União Europeia que está em alta atualmente) e CsF e a importância da autonomia de gestão das instituições têm sido muito discutidos em eventos como esses.
- **Oferecimento de disciplinas ministradas em inglês para a graduação²³**: esse feito inédito na UFV foi uma iniciativa da DRI após a participação do Prof. Vladimir em uma reunião da FAUBAI em 2013, e seus objetivos são “preparar melhor seus alunos para experiências no exterior e aumentar o fluxo de estudantes estrangeiros”. Além disso, o diretor acredita que essa ação seja necessária para o “efetivo processo de internacionalização”. Após o oferecimento de um curso de metodologia e formas corretas de se abordar assuntos em inglês, Lukasz M. Grzeskowiak e Manoela Maciel dos Santos Dias, Eduardo Mizubuti e Emerson Del Ponte, e Vladimir Oliveira Di Iorio, professores responsáveis, ministrarão, respectivamente, as seguintes disciplinas no período de 2014/2: NUT 339 (*Functional Foods: microbiological, nutritional and*

²¹Disponível em: <http://www.topuniversities.com/universities/universidade-federal-de-vi%C3%A7osa/undergrad>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²²Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=20394. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²³Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=21633&link=corpo. Acesso em: 21 de julho de 2014.

health aspects), FIP 300 (*Plant Pathology I*) e INF 100 (*Introduction to Programming I*).

- **Posição da UFV no ranking de internacionalização da Folha de São Paulo²⁴**: no dia 8 de setembro de 2014, foi publicado o *Ranking Universitário da Folha* (RUF), que avalia o desempenho de 192 universidades brasileiras em diversas categorias, como mercado, ensino e internacionalização. Para avaliar este último, considera-se apenas as citações por pesquisadores internacionais de trabalhos desenvolvidos na UFV e o percentual de trabalhos feitos em parceria com pesquisadores estrangeiros em relação ao total de publicações. Em 2014, a UFV ficou na 63ª posição, duas à frente da conquistada no ano de 2013 (quando essa categoria foi inserida na avaliação).
- **Pesquisador da UFV entre os brasileiros com produção acadêmica de impacto²⁵**: o jornal Folha de São Paulo publicou no dia 15 de setembro de 2014 a matéria “Brasil tem só 4 dos 3.215 cientistas cujas pesquisas têm maior impacto²⁶”, cujo *ranking* foi elaborado pela consultoria *Thompson Reuters*²⁷. Dentre os quatro pesquisadores brasileiros está o Prof. Adriano Nunes Nesi²⁸, do Departamento de Biologia Vegetal da UFV. O professor voltou a ser citado no editorial do mesmo jornal no dia seguinte²⁹. O pesquisador “afirma que o reconhecimento é fruto das experiências que teve no exterior³⁰”, uma vez que grande parte das publicações que o levaram a esse *ranking* foram desenvolvidas no Instituto Max Planck, na Alemanha, onde fez parte do seu doutorado e pós-doutorado.

²⁴Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2014/>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²⁵Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=21908. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²⁶Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/09/1515944-brasil-tem-so-4-dos-3215-cientistas-cujas-pesquisas-tem-maior-impacto.shtml>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²⁷Disponível em: <http://sciencewatch.com/sites/sw/files/sw-article/media/worlds-most-influential-scientific-minds-2014.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²⁸Possui graduação em Agronomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1997), mestrado em Fruticultura de Clima Temperado pela Universidade Federal de Pelotas (2000) e doutorado em Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa (2004). Foi pesquisador no Instituto Max-Planck de Fisiologia Molecular de Plantas (MPIMP) em Potsdam-Golm, Alemanha (2004-2010). Atualmente, é pesquisador do CNPq, professor adjunto II na Universidade Federal de Viçosa e lidera um grupo de parceria com o MPIMP desde 2011. Tem experiência na área de fisiologia molecular de plantas, com ênfase em metabolismo e bioenergética. Tem atuado principalmente nos seguintes temas: metabolismo de carboidratos e interações entre o metabolismo mitocondrial e outras vias metabólicas em plantas. Seus projetos têm recebido suporte financeiro do CNPq, da Capes, da Fapemig, da Petrobrás e da *Max-Planck Society*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4220071266183271>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

²⁹Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2014/09/1516536-editorial-no-topo-se-fala-ingles.shtml>. Acesso em: 21 de julho de 2014.

³⁰Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=21464. Acesso em: 21 de julho de 2014.

Em notícia divulgada na “UFV Notícias” em 18 de fevereiro de 2014, a Profa. Nilda afirmou que a internacionalização da universidade “tem se intensificado desde 2013, trazendo muitas novidades para a comunidade universitária, principalmente para os estudantes”. Ela reitera a importância do empenho da instituição nesse processo, destacando que o “programa Ciência sem Fronteiras deu essa grande oportunidade, mas ela só se consolida quando a universidade se coloca como parceira das instituições do exterior”.

Compilou-se, neste tópico, informações sobre a trajetória da UFV, sua evolução no quesito internacional, os números referentes à mobilidade acadêmica acordada com universidades localizadas em outros países, as ações que vêm sendo executadas e os resultados obtidos. Para que o estudo não ficasse focado apenas em documentos, três professores responsáveis pelo processo de internacionalização foram entrevistados. Desta forma, foi possível obter as informações e perspectivas relatadas no próximo tópico.

7 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Conforme apresentado na metodologia, os dados coletados foram organizados seguindo as categorias que delimitaram as perguntas, ou seja, utilizaram-se as mesmas categorias apresentadas no roteiro da entrevista, começando pelos dados demográficos e algumas informações gerais (vide Apêndices A e B), passando depois para as oito categorias utilizadas pela FAUBAI (2008) para avaliar o nível de internacionalização das IFES. Esse modelo de análise foi direcionado para o alcance dos objetivos deste estudo e se mostraram bastante eficientes em seu propósito.

7.1 Informações gerais

Foram entrevistados um professor adjunto e duas professoras associadas da UFV, com idades entre 46 e 55 anos. Todos tiveram seu primeiro contato com internacionalização durante seus cursos de pós-graduação, em que pelo menos parte deles foram feitos no exterior, e foi assim que se aproximaram desse contexto. Os três são professores respeitados e experientes e têm pelo menos dezesseis anos de docência e onze atuando na UFV, o que dá suporte à responsabilidade dos cargos que ocupam.

As entrevistas duraram entre trinta e quarenta minutos e foram conduzidas em forma de conversa, ou seja, à medida que os entrevistados respondiam às perguntas, questões foram sendo retiradas ou incluídas no roteiro, de forma a se manter a entrevista dinâmica, produtiva

e menos cansativa. Foi possível observar que o fator “não confidencialidade” não impediu os entrevistados de falarem sobre os pontos fracos do processo, sugerirem mudanças, abordarem e se responsabilizarem por erros. Além disso, observou-se que os relatos condiziam com as notícias divulgadas pela UFV e por outros *sites*.

7.2 Caracterização da instituição

As perguntas dessa categoria pediam uma avaliação do entrevistado acerca da internacionalização do ensino superior no Brasil e também da UFV.

Quanto ao Brasil, os três observam uma grande evolução nos últimos anos. Profa. Simone ressaltou que ainda há “um longo caminho a traçar”. Prof. Vladimir, por sua vez, focou na grande mudança que houve com o Ciência sem Fronteiras (CsF) e que, apesar dos pontos negativos do programa, “isso pelo menos suscitou em uma grande discussão no país sobre isso”; ele ainda disse: “eu acho que isso basicamente detonou todo o processo de internacionalização no Brasil”. A Reitora comparou as oportunidades dos estudantes de graduação e pós-graduação atualmente com a sua, nos anos 80, e relata que não se ouvia falar de discentes fazendo capacitações fora do país, o que mudou com o CsF.

A Reitora aproveitou para falar que a mobilidade internacional de professores está presente na história da UFV desde sua criação: “Então a universidade entrou na internacionalização muito forte nesses caminhos e isso seguiu-se como algo muito forte na filosofia da instituição”. Isso facilitou, ainda de acordo com a entrevistada, a adesão da instituição ao CsF e fez com que muitos estudantes fossem para universidades onde seus professores já tinham ido, aumentando a relação entre a UFV e essas universidades.

Ainda sobre a internacionalização da UFV, a Coordenadora Técnica da DRI disse que, comparando a outras IFES, a universidade está bem, principalmente se for considerada a localização geográfica de Viçosa. Essa professora falou de uma mudança interessante que ocorreu na pós-graduação:

Nós tivemos um inversão, nos últimos três anos: antes, sobravam bolsas de programas sanduíche, hoje em dia, a gente usa todas as nossas cotas para o doutorado sanduíche e ainda algumas que não são usadas por outras IFES do estado de Minas são repassadas para a UFV, então as pessoas estão despertando para a maior interação com pares em outros países.

O diretor expos que a institucionalização desse processo na UFV de fato começou quando a AIP se tornou DRI, em 2010, o que pode ser confirmado pelo fato de os relatórios anuais terem começado a ser elaborados nesse mesmo ano, expondo os resultados do

processo, que antes não recebia tanta atenção. “A partir daí que a gente começou a traçar eixos e começamos a entrar nesse processo”, continuou. Além disso, o diretor emitiu sua opinião de que o CsF foi muito importante, pois, com ele, “a internacionalização ficou um tema mais forte e passou a ser obviamente mais valorizado na UFV”.

Ao questionar como a UFV é vista por outras instituições no Brasil e no exterior no quesito internacionalização, todos os entrevistados falaram que a universidade é conhecida pela excelência, principalmente de seus programas de pesquisa e pós-graduação. Eles explicaram que esse fato se deve a estratégias que estão sendo desenvolvidas: atuação da UFV em órgãos responsáveis por discutir o tema³¹; visitas que os três fazem a outras instituições em busca de novos convênios e renovação dos atuais; e participação em eventos que debatem o tema. Mencionaram também as boas experiências que professores e alunos estrangeiros estão tendo em Viçosa. Esses pontos também projetam uma boa imagem da UFV no exterior, o que foi comprovado nos relatórios anuais da DRI, que mostraram um aumento de 290% de alunos estrangeiros estudando na UFV entre 2010 e 2013. Profa. Nilda concluiu dizendo que “isso tudo é um conjunto de ações que vão fazendo com que a universidade possa estar vivendo essa grande efervescência que é a internacionalização.”

Por esses depoimentos, foi possível observar que a UFV está conseguindo alcançar o reconhecimento buscado em seu Plano de Gestão e que essa busca está sendo feita de forma ativa e planejada, mostrando o cuidado que os gestores têm com o processo.

7.3 Caracterização da unidade gestora da cooperação internacional

Buscou-se nesta categoria entender como é feita a gestão do processo de internacionalização da UFV pelos seus gestores. Vale lembrar que Rudzki (1998) menciona as diversas atividades envolvidas no processo e que elas são realizadas por órgãos diferentes das instituições, o que demandaria uma participação de todas as Pró-Reitorias, nesse caso, da universidade.

A responsabilidade pela cooperação internacional na UFV é da DRI, composta atualmente por um estagiário, cinco secretários, a Coordenadora Técnica e um diretor.

Ainda considerando Rudzki (1998), foi perguntado aos entrevistados sobre a atuação das Pró-Reitorias, por estarem à frente da parte estratégica da instituição. Os três responderam

³¹Há três anos, a UFV tornou-se membro da secretaria executiva do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB); na CGRIFES (Conselho de Gestores de Relações Internacionais das IFES), o Prof. Vladimir ocupa a Vice-Presidência; e nas reuniões da FAUBAI, a UFV representa da região sudeste frequentemente. Quanto à participação em eventos, além dos nacionais, a UFV tem estado presente nos dois principais: Fórum da E.A.I.E. (Associação Europeia para a Educação Internacional) e Nafsa (Associação dos Educadores Internacionais).

que a PPG é a Pró-Reitoria mais atuante. Prof. Vladimir enfatizou que “o Pró-Reitor atual de Pesquisa e Pós-Graduação está muito preocupado com a internacionalização desses programas, então ele trabalhou conosco diretamente e muito fortemente nesses 4 anos”.

Todos os respondentes falaram da importância da atuação da comunidade acadêmica e do quanto presente ela está no processo.

7.4 Estratégias para a cooperação internacional

Esse critério visa levantar as medidas a longo prazo que estão sendo elaboradas e verificar se elas estão sendo desenvolvidas, uma vez que o processo de internacionalização é entendido como um complexo e demandante de ações desse tipo.

O diretor explicou que a UFV tem um sistema de acompanhamento do PDI, onde são lançadas as ações realizadas. O andamento da execução das metas delimitadas também é acompanhado frequentemente em reuniões coordenadas pela Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento (PPO), que exige relatórios de todas as áreas. Ele frisou que “alguns objetivos de internacionalização também estão em outros órgãos aqui, especialmente na PPG”, o que faz com que essas reuniões sejam essenciais para a sincronia entre as áreas.

Além das estratégias abordadas pelos entrevistados na primeira categoria (atuação em órgãos que discutem o tema, visitas planejadas a instituições e participação em eventos relacionados ao assunto) e das estabelecidas no PDI (ver Subtópico 6.5), as entrevistadas mencionaram um trabalho muito forte que a UFV tem desenvolvido com países em desenvolvimento, principalmente com os do continente africano, o que se trata de um tipo de cooperação diferente do que a instituição costumava buscar. O mais comum era a UFV procurar universidades renomadas e conceituadas, sendo que, com algumas nações da África e da América Latina, “nós somos os doadores, os fornecedores de conhecimento, de recursos humanos capacitados, então as estratégias que a gente precisa ter para abordar uma iniciativa e outra são diferentes” afirmou a Profa. Simone.

A Coordenadora explicou também que, independente de com qual universidade seja feito um acordo, ele sempre possui um caráter bilateral, e, preferencialmente, com possibilidade de serem duradouros. “O nosso foco principal são aquelas [universidades] com quem a gente tem a possibilidade de estabelecer parcerias de longa duração”.

Observando o PDI e os depoimentos dos entrevistados, nota-se que a internacionalização é tratada como ponto estratégico na UFV, da mesma forma como é indicada por Laus (2012) e foi abordada na revisão bibliográfica deste estudo.

7.5 Atividades de cooperação internacional

A FAUBAI também considera importantes as atividades que estão sendo realizadas atualmente nas instituições relacionadas à abertura internacional. Por isso, buscou-se saber ao máximo as atividades executadas que interferem direta e até indiretamente no processo de internacionalização.

Dez atividades mencionadas pelos entrevistados já tinham sido abordadas nesta pesquisa (ver subtópico 6.7): *joint-degrees*, programas de co-tutela, aplicação do TOEFL ITP gratuitamente, aulas do Nucli, oferecimento de disciplinas em inglês, curso de capacitação para os professores ministrarem aulas em inglês, aulas de português para estrangeiros, visitas a outras universidades, participação em eventos e participação em projetos como o *One Health*.

Além dessas atividades, Profa. Simone explicou que uma função daqueles que trabalham na DRI é fazer uma ligação entre a comunidade acadêmica e as oportunidades que aparecem em ocasiões diversas, como vinda de comissões estrangeiras.

A Reitora, por sua vez, declarou que está sendo preparado um curso de inglês focado nos termos técnicos da área de engenharia – área da qual veio a demanda. Ela afirmou que sua equipe está buscando que isso seja uma prática frequente devido à importância desse tipo de capacitação. Compartilhou também que a atual Diretora do Centro de Ciências Humanas (CCH), Prof^a Maria das Graças Floresta, criou um grupo de estudo da internacionalização, como uma forma de desenvolver esse ponto no referido centro.

O Diretor explanou sobre a capacitação de duas secretárias da DRI na Universidade do Porto, em Portugal, em 2012, cujos gastos foram custeados por recursos provenientes de um projeto da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Ele relatou que, todos os anos, a universidade portuguesa promove uma semana de treinamento sobre como gerenciar um escritório internacional e que é importantíssimo aprender com universidades experientes: “elas passaram uma semana lá, fazendo o treinamento sobre tudo que eles gerenciavam, mobilidade *in*, mobilidade *out*, e outras coisas mais”. Ele ainda salientou que essas capacitações são fundamentais para a melhor execução das atividades da diretoria.

Nessa categoria, observou-se que a divulgação das atividades referentes à internacionalização está sendo feita de forma efetiva, uma vez que grande parte das informações obtidas nas entrevistas nesse quesito já tinha sido levantadas na pesquisa documental deste estudo. Esse é um fator muito positivo para a instituição, pois é uma forma de se conquistar reconhecimento por esses feitos pela comunidade acadêmica nacional e

internacional, o que tende a aumentar e melhorar as parcerias estabelecidas. Isso traz muitos benefícios não só para a instituição em si, como também para seus docentes, discentes e servidores.

7.6 Financiamento para a cooperação internacional

Além de compreender como funciona o custeio desse processo, perguntou-se sobre as agências de fomento que colaboram para a abertura internacional.

De acordo com os respondentes, como a DRI é ligada diretamente à reitoria, seu orçamento também o é; portanto, todos os gastos institucionais relacionados à internacionalização são custeados por ela, tais como: gastos na recepção de convidados estrangeiros (como transporte, hospedagem e alimentação), vindas da delegação da Polícia Federal de Juiz de Fora, viagens relacionadas ao assunto e algumas viagens institucionais pelo Brasil e para o exterior. Foi explicado que nem todas as atividades que se encaixam nessas categorias podem ser custeadas pela UFV, uma vez que os recursos da Reitoria têm que ser divididos também entre outros órgãos ligados à ela, por isso são feitas listas de prioridade no início de cada ano.

A Coordenadora Técnica acrescentou que a PGP também destina parte de seu orçamento para suas atividades de internacionalização e que esses recursos vêm de seus programas, o que auxilia muito na recepção de visitantes estrangeiros e na organização de eventos.

Os três entrevistados declararam que o dinheiro destinado à internacionalização não é suficiente para a demanda atual e que a DRI tem submetido projetos em agências de fomento para executar melhor suas atividades.

As agências de fomento que contribuem de forma mais significativa para esse processo são CNPq, CAPES e Fapemig, sendo que eles possuem – além de bolsas para mobilidade acadêmica – editais específicos para as Diretorias de Relações Internacionais, e esses recursos têm sido destinados à participação em eventos internacionais, visitas e capacitação.

Neste ano especialmente, a UFV conseguiu um financiamento externo, que foi do programa do governo norte-americano *100.000 Strong in the Americas*, cujo valor foi destinado ao treinamento de docentes em língua inglesa.

Os pontos supracitados mostram a importância dos agentes externos na internacionalização, considerando o baixo orçamento disponível para a DRI (os gastos anuais desse órgão estão disponíveis no Subtópico 6.6) e o grande número de atividades a serem

desempenhadas. Além disso, mostra que o alto investimento do governo – tanto federal quanto estadual – não se limitou ao CsF, o que é importante para que a universidade possa acompanhar e atuar nesse processo de abertura internacional.

7.7 Debilidades

Nesta questão, foi perguntado aos entrevistados sobre os pontos fracos do processo de modo geral, mas focando principalmente em infraestrutura, administração, atuação da comunidade acadêmica e políticas educacionais.

Os pontos fracos apontados pelos entrevistados foram: (1) falta de uma “casa do estudante”, onde alunos estrangeiros pudessem ficar até se ambientarem e encontrarem um local definitivo; (2) falta de proficiência em inglês por parte dos alunos e professores que participam de programas, dos funcionários da DRI (nem todos falam inglês) e dos demais servidores, como motoristas, pessoas que trabalham no atendimento ao público, entre outros; (3) necessidade da DRI de um espaço físico maior, de mais funcionários qualificados e de mais autonomia, principalmente financeira; (4) ausência de um hotel mais adequado para recepcionar autoridades estrangeiras; (5) internet deficiente no *campus*, que atrapalha atividades como videoconferências e reuniões “em linha” com autoridades e alunos; e (6) o fato de o *site* da UFV existir apenas em português.

Algumas dessas debilidades já estão sendo trabalhadas: (1) o material da “Casa do Estudante” já foi comprado e necessita apenas de um espaço físico para funcionar; (2) cursos de inglês estão sendo oferecidos gratuitamente no módulo *online* pelo MEC – por meio do *My English Online*³² – e presencialmente pelo Nucli, além do CELIN que oferta cursos presenciais a baixo custo para os alunos e gratuitamente para os servidores da UFV; e (6) a DRI está fazendo um trabalho em conjunto com a Pró-Reitoria de Ensino (PRE), o Registro Escolar (RES) e a Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI) para que os sistemas da UFV sejam modificados e adaptados para melhor receber os estudantes internacionais no que se refere ao cadastro dos alunos e aos planos de estudo, além de melhorar os *sites* da UFV e da própria DRI.

³²*My English Online* – MEO – é um curso de inglês online do programa Inglês sem Fronteiras (IsF), uma iniciativa do Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESU/MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) destinada aos alunos de graduação e pós-graduação de instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras”. Disponível em: <http://ri.ufabc.edu.br/index.php/cursos-de-idiomas/lingua-inglesa-online/47-meo-my-english-online-curso-de-ingles-online-gratuito-oferecido-pelo-mec-e-capes>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

7.8 Mudanças necessárias

Nesta categoria, foram indagadas as mudanças são necessárias para corrigir as debilidades mencionadas no ponto anterior e melhorar o processo de internacionalização.

Além das mudanças mencionadas na categoria anterior, outras foram levantadas pelos professores: (1) assim como é feito em outras IFES, parte do orçamento da UFV deveria ser destinada a programas de intercâmbio para os cursos menos atendidos, que seria o caso dos cursos do Centro de Ciências Humanas; (2) a UFV deveria ter currículos mais interacionais e flexíveis para seus cursos, de forma a facilitar o aproveitamento de créditos aqui e no exterior; (3) foi mencionada a possibilidade da existência de núcleos responsáveis pelos assuntos internacionais em cada centro como uma forma de buscar os interesses específicos de cada área da melhor maneira possível, considerando a diversidade dos cursos; (4) uma mudança que foi iniciada – não internamente, mas em nível nacional – foi feita uma mobilização na reunião da CGRIFES, que resultou em um pedido aos reitores das IFES “para que as áreas internacionais fossem definidas como pró-reitorias, e tivessem orçamentos pré-determinados e que pudesse aplicar já nessa área” (Entrevistado 3); (5) mencionou-se a criação de um curso de português para estrangeiros a distância, para que os estudantes internacionais viessem mais preparados para sua experiência na UFV; e (6) mencionou-se também que a UFV deve flexibilizar seu processo seletivo para receber professores estrangeiros que forem fazer o concurso público para trabalhar na universidade.

Essas listas de debilidades e mudanças levantadas pelos entrevistados mostram sua visão estratégica perante à internacionalização. Suas colocações refletiram o aprendizado obtido com trocas de experiências com representantes de outras instituições e a compreensão da abrangência e da complexidade desse processo ao abordarem questões administrativas, técnicas, orçamentárias, educacionais e culturais.

7.9 Resultados e impactos da cooperação internacional

Por fim, buscaram-se os resultados que vão além dos números apresentados pelos Relatórios Anuais da DRI ou pelas notícias divulgadas pela UFV. O intuito foi captar a percepção dos gestores quanto à abertura internacional de modo amplo, considerando as experiências dos participantes de programas de mobilidade, as mudanças no ambiente universitário, a motivação para pesquisar e desenvolver novos projetos e o retorno que a UFV tem ou não com essa abertura. Procurou-se, então, entender o impacto que o processo de internacionalização tem na instituição, de acordo com o ponto de vista daqueles que lidam diretamente com ele.

Primeiramente, os entrevistados foram indagados acerca dos impactos que a internacionalização traz para a cultura organizacional da Instituição. Todos falaram da aquisição da proficiência no idioma estrangeiro, do crescimento pessoal e profissional daqueles que participaram de programas de mobilidade e da adesão da comunidade acadêmica às oportunidades ofertadas.

A Reitora relatou que, antigamente, poucas pessoas entendiam a importância desse processo, mas que hoje isso é diferente. “Eu diria agora que toda a estrutura organizacional da universidade entende isso. [...] Eu vejo que a universidade está absorvendo isso já muito bem e isso já está fazendo parte do dia-a-dia da universidade.”

O Diretor contou uma história que simboliza bem sua percepção quanto às mudanças que as experiências no exterior podem trazer:

[...] um estudante que chegou aqui, morava numa cidade de 3 mil habitantes e nunca tinha saído do estado de Minas Gerais. Quando ele foi sair para a Holanda, os pais dele vieram conversar comigo, super preocupados. E depois, no período de férias lá, na parada em agosto, ele visitou uns 13 países da Europa, voltou agora falando inglês perfeitamente (não falava nada antes) e [...] já conseguiu bolsa de doutorado no exterior diretamente. Esse tipo de mudança é extremamente frequente e é muito gratificante ver isso.

A Coordenadora Técnica argumentou que muitos professores voltam mais motivados para desenvolver seus projetos e trazem novas ideias e outras possibilidades. Quanto aos alunos, ela alegou que é possível observar mudanças na mentalidade dos estudantes quando eles retornam de seus intercâmbios e destacou a relevância dessas experiências para a vida deles:

[...] os alunos, pessoas mais novas, aprendem a viver na diversidade, se tornam pessoas mais tolerantes, então isso é um ganho pessoal que você não vai conseguir demonstrar em um relatório: as pessoas ficam mais tolerantes, conseguem ver melhor o diferente. E isso é para a vida inteira, para a vida inteira dos alunos, e essas experiências os alunos não perdem, carrega com você. Isso eu acho sim que é o maior ganho que você pode ver na vivência pessoal e profissional dos alunos.

A última pergunta da entrevista indagou se o processo de internacionalização gerava impactos positivos ou negativos para a UFV.

Nenhum dos entrevistados apontou um impacto negativo; pelo contrário, todos alegaram que não existia, ou seja, que o processo de internacionalização é puramente positivo para UFV.

Profa. Simone listou diversos pontos positivos do processo: “Primeiro que insere a UFV no contexto internacional”; assim, ela explanou sobre os benefícios de se receberem visitantes estrangeiros:

Eu acho muito legal quando a gente recebe os visitantes estrangeiros porque, em geral, eles desconhecem todo o potencial que a UFV tem, [...] as pessoas passam a nos conhecer [...] e abre possibilidades para os nossos alunos - e essas possibilidades a gente não teria se a gente ficasse fechado dentro de nós mesmos.

A Coordenadora Técnica da DRI também observou que esse conhecimento aumenta a possibilidade de a instituição conseguir mais recursos. “Então você tem uma universidade mais robusta, tanto cientificamente quanto monetariamente (financeiramente), proporcionando o que para os alunos? Um melhor treinamento.”

Profa. Nilda, por sua vez, falou do quão positiva é a convivência com pessoas de outras culturas: “Eu acho que isso abre muito a mente da pessoa, a visão da pessoa, para entender o quão diferentes nós somos como seres humanos mas, ao mesmo tempo, podemos nos compreender a todos”.

Prof. Vladimir enfatizou que o processo é positivo de ambas as formas (“seja nós mesmos indo para fora e tendo contato com alguma coisa diferente – uma cultura, uma universidade, um curso, uma viagem –, ou a gente recebendo pessoas de fora aqui”) e que ele não fere a identidade nem a soberania da UFV.

Antes de encerrar, Profa. Simone deixou registrado seu desejo de que tudo o que tem sido feito pela internacionalização não seja perdido (“Foi investido tempo, foi investido recurso, nós temos resultados muito favoráveis, então que isso não fosse soterrado, que isso continuasse”) e também reforçou um dos intuitos da internacionalização:

No final, no que a gente está interessado de fato é numa melhor formação, melhor inserção dos nossos alunos, seja de graduação quanto de pós-graduação, nós estamos aqui para formar gente. Então, a gente vê como positiva a internacionalização em sentido de melhor formar os nossos alunos.

Prof. Vladimir encerrou sua fala enfatizando que o ensino de disciplinas em língua inglesa é um passo muito importante para internacionalizar de fato o ensino e que esse é o maior projeto de abertura internacional da UFV hoje:

Esse seria para mim o grande projeto da UFV, acho que daqui a uns anos eu vou dizer que ela realmente começou a se internacionalizar se aqui dentro estiver mais internacional, tiver mais professores dando aula em inglês, fazendo projetos em conjunto em inglês, e muitos estudantes assistindo aula em inglês -- brasileiros e estrangeiros em conjunto. Quando tiver isso em um grande número, eu vou achar que

nós estamos indo no caminho da internacionalização. Fora isso, seriam basicamente ações individuais, de pequenos grupos.

Vale salientar que o Prof. Vladimir não é o único que valoriza essa política. O jornal Folha de São Paulo divulgou uma reportagem falando sobre a iniciativa e mencionou a UFV, destacando o treinamento que os professores receberam antes de oferecerem as disciplinas³³. Também foi exibida no telejornal “Bom Dia Brasil” uma reportagem sobre as universidades brasileiras que ofereciam disciplinas em outras línguas, que destacou o início dessa ação na Universidade Federal de Viçosa. Durante a entrevista, o Prof. Vladimir destacou a importância dessa iniciativa para o alcance da excelência internacional em ensino³⁴.

As informações coletadas nas entrevistas condisseram com as que foram levantadas pela pesquisa documental deste trabalho, além de terem mostrado que os gestores responsáveis pelo processo estudado compreendem a complexidade desse processo, sua importância e seus benefícios para a instituição, de acordo com os teóricos abordados na pesquisa bibliográfica. Os respondentes mostraram-se entusiasmados com o tema e dispostos a trabalhá-lo firmemente, mas, ao mesmo tempo, assumiram as debilidades e necessidades de melhora.

³³Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/09/1513668-por-maior-internacionalizacao-faculdades-criam-cursos-em-ingles.shtml>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

³⁴Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/videos/t/edicoes/v/cresce-numero-de-universidades-que-oferecem-disciplinas-em-idiomas-estrangeiros/3630032/>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o objetivo principal de descrever o processo de internacionalização da UFV, e seus objetivos específicos foram: apresentar esse processo desde a criação da universidade até a atualidade e caracterizar a visão dos gestores em relação ao desenvolvimento desse processo

Os dados levantados para se alcançarem esses objetivos mostram o pioneirismo da organização estudada, considerando seu processo de abertura internacional. Enquanto o governo federal começou a estimular mais eficientemente a mobilidade internacional com a Reforma Universitária de 1968, a UFV lançou – por iniciativa própria – seu primeiro programa de treinamento no exterior em 1937. Ainda antes dessa reforma, a universidade já havia construído uma vila destinada à hospedagem de professores estrangeiros e suas famílias. Nos anos noventa, a Capes externalizou a necessidade do contato direto com as pesquisas desenvolvidas fora do país, sendo que na UFV, nessa época, era comum a mobilidade de docentes com o objetivo de desenvolver pesquisa no exterior. Esses fatos mostram que o perfil internacional está presente na filosofia e na cultura organizacional da UFV, tendo sido instigado pelo seu processo de criação e pelos investimentos iniciais de seu idealizador. Como foi mencionado pela Reitora em sua entrevista, todos esses fatores contribuem para que a universidade acompanhe a atual evolução da internacionalização do ensino superior brasileiro de forma madura e natural.

Essa maturidade e naturalidade fizeram com que os impactos desse processo fossem positivos para os professores responsáveis pelo seu gerenciamento. Os gestores entrevistados se mostraram resistentes às vertentes que pregam que a abertura internacional abala a soberania da instituição. Para eles, o contato direto com outras culturas e pontos de vista é enriquecedor pessoal e profissionalmente, não só para aqueles que tiveram a oportunidade de participar de mobilidade, mas também para o ambiente acadêmico de forma geral. Aquisição de proficiência em uma língua estrangeira, surgimento de novas ideias e perspectivas como resultado do contato com métodos diferentes de ensino e pesquisa, desenvolvimento de habilidades interpessoais, experiências pessoais e acadêmicas adquiridas, aumento da tolerância na convivência entre as pessoas, obtenção de financiamentos devido ao aumento da visibilidade da instituição e conquista do respeito de outras instituições são algumas das conquistas expostas nas entrevistas e nas notícias divulgadas sobre o assunto.

Essas conquistas estão presentes na realidade de instituições mais tradicionais há séculos, localizadas em nações antigas cujo ensino se faz universal desde a Idade Média. Por ser um país mais jovem, o cenário comum para países europeus representa um objetivo estratégico para o Brasil – e também para a UFV. Os próprios entrevistados admitem que muito há para ser melhorado nessa busca. Ademais, a UFV tem se mostrado ciente do que tem que ser feito e está buscando – com o empenho de seus gestores e o auxílio de atores externos – as melhorias entendidas como necessárias a curto e longo prazo.

Os feitos mencionados e as mudanças necessárias não podem ser logrados pela UFV sem o apoio dos atores externos. Ficou claro nas entrevistas que as agências de fomento possuem um papel essencial no desenvolvimento da abertura internacional, considerando o baixo orçamento disponível para esse processo. Ainda sobre o quesito financeiro, o governo federal promoveu um *boom* na internacionalização das IFES com o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). Os fatos apresentados na revisão bibliográfica, os números dos Relatórios Anuais da DRI e os relatos dos respondentes confirmaram que o programa possui fundamental importância no desenvolvimento da mobilidade acadêmica. Em 2013, 71% dos estudantes que participaram de programas de intercâmbio o fizeram por meio do CsF. Os incentivos não se limitam ao custeio das viagens, mas se estendem ao ensino de inglês e à aplicação do exame TOEFL, ambos de forma gratuita.

Além da participação dos atores externos, medidas internas têm sido tomadas para o desenvolvimento desse processo. O Diretor de Relações Internacionais e Institucionais expôs, durante sua entrevista, que a institucionalização desse processo de internacionalização na UFV de fato começou quando a AIP se tornou DRI, em 2010 (apesar de a diretoria ter sido

idealizada em 2008), uma vez que o processo começou a receber mais atenção e ser tratado como algo estratégico. Isso pode ser confirmado pelo fato de os Relatórios Anuais da DRI terem começado a ser elaborados nesse mesmo ano, compilando e expondo os resultados desse processo. Ao solicitar os registros da DRI que pudessem contribuir para o levantamento de dados para esta pesquisa, a pesquisadora foi informada de que não há outros levantamentos ou documentos como os relatórios. Essa má gestão das informações impossibilita que problemas sejam identificados, conquistas sejam divulgadas e parâmetros sejam estabelecidos.

Ainda sobre a parte estratégica, considerando as partes do PDI referentes à UFV em si, a presença de expressões como “visando à universalização da educação” e “nacional e internacionalmente” na missão e visão, respectivamente, da universidade falam muito sobre a compreensão da instituição perante a importância da abertura internacional. Vale lembrar também que o sexto objetivo da UFV é “aprimorar políticas de intercâmbio acadêmico com instituições nacionais e internacionais” (vide Subtópico 6.4). Esses fatos dialogam com os depoimentos obtidos nas entrevistas quando analisamos as propostas mencionadas e as mudanças que se almejam. Entretanto, a discreta atuação das demais pró-reitorias e dos quatro centros da Universidade revelam que o processo está muito concentrado em um órgão (diretoria) com pouca autonomia e que carece de apoio. Portanto, entende-se que, mesmo com a internacionalização fazendo parte da filosofia da Instituição, a UFV não a trata de forma tão estratégica quanto se é orientado.

Outro ponto que deve ser observado são as ameaças que estão por trás dos benefícios. Ao se comparar a realidade da UFV com os cenários previstos por Porto e Régner (2003) – trabalhados no Subtópico 4.4 – é possível perceber que o cenário que melhor se enquadra a essa realidade é o “Cenário 2 – Homogeneização das Culturas – Educação como Mercadoria em um Contexto de Ampla Internacionalização”. O incentivo maior para os intercâmbios das áreas de exatas e agrárias é inquestionável no ensino superior brasileiro – o CsF é a maior prova disso – e também na universidade. A UFV, desde sua criação, estimulou a mobilidade no campo das agrárias por representar a vocação da instituição e, por isso, proporcionar maior ligação com organizações estrangeiras, o que não significa que a universidade não esteja cedendo à ameaça da mercantilização/comercialização da educação, considerado o maior risco social da internacionalização pela pesquisa da IAU. Um meio de reduzir a desconfiança que essa ameaça gera foi proposto durante as entrevistas: destinar verba da própria UFV para a mobilidade acadêmica de estudantes e professores dos cursos do Centro de Ciências Humanas. Dessa forma, as oportunidades seriam mais justas, apesar do fato de que a verba

que a instituição poderia direcionar para isso não poderia ser comparada com os investimentos do governo federal que são comumente destinados aos centros mais beneficiados.

Outro ponto negativo desse grande investimento em internacionalização é a falta de proficiência na língua estrangeira – principalmente inglesa – por parte dos participantes dos programas, prejudicando a adaptação e a aprendizagem. A falta de domínio da língua inglesa também atrapalha na recepção de estudantes e professores estrangeiros; os entrevistados desta pesquisa abordaram esse fato como uma debilidade que precisa ser trabalhada. Ainda sobre a recepção de parceiros estrangeiros, a falta de infraestrutura adequada e de verba são fatores que também foram mencionados pelos respondentes.

A responsabilidade direta pela superação dessas debilidades é da Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais. O fato de esse órgão ser responsável pelos assuntos de cooperação nacional e internacional o sobrecarregam, prejudicando o processo. Apesar de ser a responsável, a diretoria não possui nem autonomia nem orçamento próprio para desempenhar seu papel, o que permite que os excessivos processos burocráticos atrasem a realização das tarefas e desmotivem a equipe. Portanto, a DRI precisa de mais autonomia e de mais auxílio para desempenhar sua função e beneficiar os demais órgãos.

Uma medida levantada pela Profa. Simone para melhorar a eficiência dos processos de internacionalização é criar núcleos da DRI nos Centros da UFV, para que as ações sejam mais específicas e direcionadas às necessidades de cada área. Esse modelo é adotado em grandes universidades e se mostra adequado à realidade da UFV, uma vez que a DRI está sobrecarregada e que há centros mais beneficiados que outros nesse quesito.

Com as entrevistas, observou-se que a Pró-Reitoria que mais dá suporte à DRI é a PPG e que as outras não participam muito do processo de internacionalização, apesar da colaboração das demais ser necessária, como se entende nos seguintes exemplos de mudanças propostas: a PRE poderia flexibilizar o sistema de aproveitamento de créditos; as mudanças para facilitar a participação de professores estrangeiros nos concursos ficariam a cargo da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PGP) e o fomento a intercâmbios no campo das Ciências Humanas seria responsabilidade da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PAC).

Com a realização deste estudo, evidenciou-se que algumas ações requerem parcerias internas formais para sua execução. É o exemplo do oferecimento de aulas de português para estrangeiros. A DRI idealiza o programa enquanto o Departamento de Letras (DLA) o executa. Entretanto, não há nada formalizado entre os órgãos, e o oferecimento das disciplinas pode ser prejudicado caso o DLA – em uma situação hipotética – não abrisse vagas para professor ou monitor de português. Vale registrar que as aulas de português são ministradas

por professores substitutos ou monitores, e essa ausência de um professor efetivo responsável é prejudicial para o programa.

Considerando que os idiomas são ponto fundamental para a internacionalização, sugere-se também que a estrutura disponível para as aulas de idiomas seja mais adequada, ou seja, que as salas possuam o tamanho correto, que a acústica seja favorável e que os equipamentos audiovisuais funcionem de maneira apropriada. Por tudo isso – para que o ensino de línguas estrangeiras para os estudantes de Viçosa e de português para estrangeiros seja mais eficientemente praticado – fazem-se necessários investimentos em estrutura.

Por fim, entende-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, uma vez que, com a pesquisa documental e com as entrevistas, foi possível apresentar informações que levassem à compreensão de como se deu o processo de internacionalização da instituição estudada. Com tudo isso, este estudo de caso se apresenta como uma ampla e abrangente descrição do processo estudado.

Para estudos futuros, faz-se as seguintes sugestões: (1) categorizar as informações levantadas na pesquisa documental – juntamente com mais dados que serão levantados - de acordo com os critérios da FAUBAI utilizados nos roteiros das entrevistas; (2) estudar a FAUBAI – e outros órgãos que atuam no processo - e o impacto de sua atuação na UFV; (3) utilizar o tema “Gestão Universitária” como base teórica para obter uma outra perspectiva do processo estudado; (4) aplicar questionários aos participantes de programas de mobilidade internacional – *in* ou *out* - e (5) avaliar o processo de internacionalização da UFV considerando todos os pontos citados neste parágrafo.

Como resultado desta pesquisa, podemos confirmar a sintonia entre o *boom* da internacionalização do ensino superior no Brasil e na UFV, não só pelo investimento direto do governo federal por meio do programa Ciência sem Fronteiras, mas também por iniciativas da própria universidade, uma vez que a mobilidade acadêmica está presente na instituição desde sua idealização e é tratada como algo estratégico nos dias de hoje. Sendo assim, a cooperação acadêmica é vista como algo positivo na UFV, considerando desde experiências individuais até o reflexo disso no ambiente acadêmico. Contudo, mudanças e adequações são necessárias para o desenvolvimento da Universidade nesse quesito.

Conclui-se, então, que a Universidade Federal de Viçosa ilustra a importância da internacionalização do ensino e da pesquisa na busca por excelência e reconhecimento nacional e internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNHEIM, C. T; CHAUI, M.S. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**. Paris: UNESCO, 2008. Série Documentos Opcionais de Fórum da UNESCO. Disponível em < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>> Acesso em 20 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Superior no Mundo e no Brasil: Tendências e cenários 2003-2025**. 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ensinosuperiormundobrasiltendenciascenarios2003-2025.pdf>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.

_____. **Programa Ciência sem Fronteiras**. 2014. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.cnpq.br/>>. Acesso em: 10 set. 2014

CHARLE, C; VERGER, J. **História das universidades**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O ENSINO SUPERIOR, 1998, Paris. **Tendências de Educação Superior para o Século XXI**. Paris: UNESCO/CRUB, 1998.

EDUCAÇÃO SUPERIOR: REFORMA, MUDANÇA E INTERNACIONALIZAÇÃO. 2003, Brasília. **Internacionalização da educação superior tendências e desenvolvimento desde 1998**. Anais. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208p. Disponível em:<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133972por.pdf> Acesso em: 21 jul. 2014.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GACEL-ÁVILA, J. **Internacionalización de la Educación Superior en América Latina y el Caribe: Reflexiones y Lineamientos**. Guadalajara: Organisation Universitaire Interamericaine y La Asociación Mexicana para la Educación Internacional, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

JORNAL DA UFV. **Viçosa**. Editora UFV, 2014. Bimestral. Disponível em: <http://novoportal.ufv.br/portalufvnovo/www/wp-content/uploads/2014/04/Jornal-da-UFV-Maio-Junho-2014.pdf> Acesso em: 21 jul. 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**, 6 ed. São Paulo, Atlas: 2011.

_____. **Técnicas de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

_____. _____. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAUS, S. P. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 331 f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, 2012.

ROMANELLI, O.O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

RUDZKI, R. E. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Escola de Educação, University of Newcastle upon Tyne, United Kingdom, 1998.

SÁ, C. P. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**, Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**, 7 ed. Revisada conforme NBR 14724:2005 – Rio de Janeiro – RJ, Lamparina: 2005.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A.B.; GODOI, C.K.; MELLO, R.B. (organizadores). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

SPEARS, E. **O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007- . Semestral. ISSN 1982-7199. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1005/311>

STALLIVIERI, L. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Universidade de Caxias do Sul, 2002. Disponível em: < https://www.ucs.br/ucs/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos/processo_internacionalizacao.pdf> Acesso em: 22 jul. 2014

_____. **O sistema de ensino superior do Brasil Características, tendências e perspectivas**. Universidade de Caxias do Sul, 2007. Disponível em: < http://www.ucs.br/ucs/tplCooperacaoCapa/cooperacao/assessoria/artigos/sistema_ensino_superior.pdf> Acesso em: 22 jul. 2014

_____. **O Processo de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior Avaliação, Qualidade e Pertinência da Cooperação Internacional.** XX Reunião Anual da Faubai. Bonito: FAUBAI, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Arthur da Silva Bernardes.** Personagens da UFV. s.d. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=arthurBernardes>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. **Peter Henry Rolfs.** Personagens da UFV. s.d. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=peterHenry>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. **Cronologia.** Personagens da UFV. s.d. Disponível em: <<http://www.personagens.ufv.br/?area=linhaTempo>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. **Linha do tempo 87 Anos.** UFV 87 Anos - Uma viagem pela história da instituição. 2013. Disponível em: <<https://www2.cead.ufv.br/linhaTempo87Anos/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. **Planejamento Institucional.** Planejamento Institucional. s.d. Disponível em: <<http://www.planejar.ufv.br>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. _____. PG - Plano de Gestão - Planos Anteriores. Disponível em: <<http://www.planejar.ufv.br/?area=anteriores>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. _____. Planejamento Institucional 2001-2004. 2001. Disponível em: <http://www.planejar.ufv.br/docs/PlanejamentoInstitucional_2001_2004.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. _____. Planejamento Institucional 2005-2008. 2005. Disponível em: <<http://www.planejar.ufv.br/docs/PG%202005-2008%20Tomo%20I.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. _____. Plano de Gestão - 2009-2012. Disponível em: <http://www.planejar.ufv.br/docs/Plano%20de%20Gestao_Versao%20Final.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

_____. _____. PG - Plano de Gestão - 2012-2015. Disponível em: <http://www.planejar.ufv.br/?area=planogestao_2012_2015>. Acesso em: 21 jul. 2014.

YIN, R. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi – 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANEXO A

Planos de Gestão UFV (2001-2015)

Fonte: Planos de Gestão UFV

		Planos de Gestão		
		2001-2004	2005-2008	2009-2012
Órgão	Assessorias da Retoria (Incluindo AIP)	Órgãos Assessores da Retoria (AIN, AIP, GAB e PRJ)	DRI	DRI
Missão	Não foi delimitada.	Assessorar a administração da UFV nas questões relativas a parcerias institucionais, controle e resguardo da legalidade das ações administrativas e interesses do patrimônio público.	A DRI tem como missão planejar e implementar a política de relações internacionais da Universidade, por meio da promoção da cooperação e do intercâmbio científico e acadêmico entre a UFV e instituições estrangeiras, sendo o setor responsável pela formalização institucional dos acordos acadêmicos com essas instituições.	A DRI pretende ser responsável por ações que incrementem o nível de internacionalização da UFV, aumentando significativamente o número de estudantes que realizam programas de intercâmbio no exterior e o número de estudantes estrangeiros que visitam a Universidade. Pretende se firmar como referência para informações sobre intercâmbio internacional
Visão	Não foi delimitada.	Ser unidade capaz de dotar a UFV de instrumentos de vanguarda que promovam sua interação com instituições públicas e privadas e garantam a preservação dos interesses institucionais.	A DRI pretende ser responsável por ações que incrementem o nível de internacionalização da UFV, aumentando significativamente o número de estudantes que realizam programas de intercâmbio no exterior e o número de estudantes estrangeiros que visitam a Universidade. Pretende se firmar como referência para informações sobre intercâmbio internacional	A DRI pretende ser responsável por ações que incrementem o nível de internacionalização da UFV, aumentando significativamente o número de estudantes que realizam programas de intercâmbio no exterior e o número de estudantes estrangeiros que visitam a Universidade. Pretende se firmar como referência para informações sobre intercâmbio internacional
Objetivo	POLÍTICA: fomento a parcerias nacionais e internacionais. META: fomentar as parcerias nacionais e internacionais.	Ampliar a inserção da UFV nas comunidades nacionais e internacionais, por meio da interação com instituições públicas e privadas.	Buscar, em órgãos governamentais e privados, apoio às iniciativas para o desenvolvimento da UFV	Aprimorar políticas de intercâmbio acadêmico com instituições nacionais e internacionais.
Metas	AÇÕES: elaborar projetos e convênios com órgãos públicos e segmentos do setor empresarial; submeter projetos às agências internacionais de desenvolvimento; viabilizar projetos, teses e monografias em inovação tecnológica e capacitação empresarial.	Ampliar a inserção da UFV nas comunidades nacionais e internacionais, por meio da interação com instituições públicas e privadas; investir no relacionamento com os setores público e privado para viabilizar projetos institucionais e de desenvolvimento regional; viabilizar a publicação anual da Revista UFV&Parcerias; ampliar a inserção da UFV na comunidade internacional; aprimorar a qualidade dos serviços prestados pela AIP.	Não foram delimitadas.	Desenvolver sistema para registrar e divulgar atividades de intercâmbio acadêmico; aumentar de 0,7% para 3% o número de discentes da UFV que participam de programa de treinamento no exterior; aumentar de 100 para 400 o número de discentes e visitantes estrangeiros na UFV.

APÊNDICE A

Roteiro das entrevistas

1) Caracterização da instituição

- 1.1) Como o senhor / a senhora avalia o processo de internacionalização do Ensino Superior no Brasil de modo geral?
- 1.2) E na UFV em si?

2) Caracterização da unidade gestora da cooperação internacional

- 2.1) Como se percebe a atuação da administração da UFV nesse processo?

3) Estratégias para a cooperação internacional

- 3.1) Quanto às estratégias, quais estão sendo desenvolvidas atualmente? Elas têm sido colocadas em prática?

4) Atividades de cooperação internacional

- 4.1) E quanto às atividades, de maneira geral, além da assinatura de novos convênios, quais são as outras atividades que fazem parte desse processo de vêm sido realizadas?

5) Financiamento para a cooperação internacional

- 5.1) Sobre financiamento, o que a UFV financia em relação ao processo de internacionalização da instituição?
- 5.2) Quais agências de fomento dão suporte à UFV nesse processo?

6) Debilidades

- 6.1) Quais são os pontos negativos desse processo, em relação à infraestrutura, administração, atuação da comunidade acadêmica e políticas educacionais?

7) Mudanças necessárias

- 7.1) Quais mudanças são necessárias para corrigir esses pontos fracos e melhorar a internacionalização da UFV?

8) Resultados e impactos da cooperação internacional

8.1) Além dos resultados apontados nos relatórios anuais elaborados pela DRI, o que se tem notado de diferente na cultura organizacional da UFV como consequência do processo de internacionalização?

8.2) É possível notar mudanças no comportamento de docentes e discentes que participaram de programas de mobilidade? Se sim, exemplifique.

8.3) De maneira geral, na sua percepção, a internacionalização da UFV traz impactos positivos ou negativos para a Instituição?

Algo mais que o senhor / a senhora queira acrescentar?

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

Campus Universitário – Viçosa/MG – 36570-000 – Telefone: (31) 3899-2411 – Telefax: (31) 3899-2410 – E-mail: dla@ufv.br

INFORMAÇÕES AOS PARTICIPANTES E TERMO DE CONSENTIMENTO

O Processo de Internacionalização do Ensino Superior no Brasil:
Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Viçosa
Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia

Contato da equipe de pesquisa

Orientadora: Profa. Débora Carneiro Zuin
E-mail: dzuin@ufv.br

Orientanda: Luíza Amália Soares Franklin
E-mail: luizafranklin.ufv@gmail.com

DESCRIÇÃO

Internacionalização é um processo de mudanças que envolvem a análise curricular, a capacitação do corpo acadêmico e da equipe administrativa e o desenvolvimento da mobilidade acadêmica como uma forma de conseguir excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades acadêmicas, que tem sido intensificado e valorizado nos dias de hoje. Considerando a relevância que as relações entre países diferentes têm atualmente e as consequências que tais relações trazem consigo, observou-se a importância de se estudar a internacionalização em uma das instituições de ensino superior mais renomadas do Brasil: a Universidade Federal de Viçosa. Com sua criação inspirada no modelo norteamericano e responsável pela defesa da primeira dissertação de mestrado do Brasil, em parceria com a Universidade de Purdue nos Estados Unidos, a UFV possui uma história de abertura internacional única cujos reflexos podem ser observados em sua cultura organizacional.

Para a melhor compreensão do tema como um todo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa que utilizou de revisão bibliográfica e de entrevista semiestruturada para a obtenção completa de informações pertinentes. A escolha por uma unidade de análise específica caracterizou a pesquisa como um estudo de caso descritivo, pois este estudo buscou entender um fenômeno complexo nunca estudado tão a fundo antes.

Você está sendo convidado a participar deste estudo.

PARTICIPAÇÃO

Para a realização da pesquisa, serão necessárias entrevistas com as autoridades que estão ligadas diretamente a esse processo de internacionalização. Cada voluntário submeter-se-á a uma entrevista somente.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

Campus Universitário – Viçosa/MG – 36570-000 – Telefone: (31) 3899-2411 – Telefax: (31) 3899-2410 – E-mail: dla@ufv.br

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

**O Processo de Internacionalização do Ensino Superior no Brasil:
Um Estudo de Caso na Universidade Federal de Viçosa**

Assinando abaixo, você indica ter:

- a) Lido e entendido o documento sobre esse estudo;
- b) Sanado todas as dúvidas sobre esse estudo;
- c) Entendido como entrar em contato com os realizadores desse estudo, em caso de outras dúvidas;
- d) Entendido como você não é obrigado, de nenhuma forma, a engajar-se como voluntário nesse estudo;
- e) Concordado em realizar a entrevista, como voluntário desse estudo;
- f) Entendido que seu nome será exposto na pesquisa para melhor compreensão do estudo por parte do leitor.

Assinatura:

Nome completo:

Endereço: Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário

Telefones:

Data: __-__-2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

Campus Universitário – Viçosa/MG – 36570-000 – Telefone: (31) 3899-1585 – Telefax: (31) 3899-2410 – E-mail: dla@ufv.br

DADOS DEMOGRÁFICOS

Nome do entrevistado:

Departamento ou órgão do entrevistado:

Cargo ocupado:

Idade:

() 30 ou menos;

() 31-35;

() 36-40;

() 41-45;

() 46-50;

() 51-55;

() 55-60;

() 61 ou mais.

Classe:

() Professor titular;

() Professor adjunto;

() Professor associado;

() Professor assistente;

() Professor auxiliar.

Trabalha como docente há:

() 5 anos ou menos;

() 6 a 10 anos;

() 11 a 15 anos;

() 16 a 20 anos;

() 21 a 25 anos;

() 26 a 30 anos;

() 31 a 35 anos;

() 36 anos ou mais.

Ingressou na UFV no ano de:

Data:

Local:

Horário: